

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA
LICENCIATURA EM TEATRO

SAMANTA GOELZER DELLA PASSE

O QUE É A VIDA?

A prática de uma licencianda em Teatro durante a oficina de contação de histórias do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para Idosos de Esteio - RS

PORTO ALEGRE

2017

SAMANTA GOELZER DELLA PASSE

O QUE É A VIDA?

A prática de uma licencianda em Teatro durante a oficina de contação de histórias do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para Idosos de Esteio - RS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciada em Teatro.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Adriana Jorge Lopes Machado Ramos

PORTO ALEGRE

2017

CIP - Catalogação na Publicação

Della Passe, Samanta Goelzer

O que é a vida? A prática de uma licencianda em Teatro durante a oficina de contação de histórias do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para Idosos de Esteio-RS / Samanta Goelzer Della Passe. -- 2017.

71 f.

Orientadora: Adriana Jorge Lopes Machado Ramos.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Licenciatura em Teatro, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Memória. 2. Velhice. 3. Teatro. 4. Contação de histórias. I. Ramos, Adriana Jorge Lopes Machado, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

À minha avó, Irene, a quem devo minha criação e muito do que sei e que sou. Sem ela o meu trabalho com idosos não seria o mesmo.

À minha tia, Tatiane, pelo apoio incondicional em todos os momentos da minha vida, ao seu companheiro Marcelo, por me acolher, e aos meus primos Davi e Lênin, que são minha alegria e esperança.

A toda minha família, pequena no tamanho, mas grande no amor: meu pai, José Luís, sua companheira Adriana e seu filho Leonardo. À minha dinda Rosane e minhas primas Camila e Danielle. Vocês me ensinam a cada dia sobre o significado de ser família.

Aos meus companheiros de vida: Cláudia, por estar comigo até a morte; e Fanael, por embarcar comigo no documentário e em todas as minhas outras loucuras.

Aos meus amigos, minha segunda família, às pessoas que escolhi para amar e respeitar enquanto o tempo permitir: Amabile, Amanda, Maria Helena, Pâmela e Rosana (que merece um agradecimento especial pela ajuda incrível com este TCC e por todo apoio, paciência e compreensão), por mostrarem que amizades escolares são as mais profundas e significativas. Também a Dener, Gabriel, Glória, Júlia, Júnior, Rodrigo e Suzane. O que o teatro uniu, o mundo não separa.

Aos idosos da oficina de contação de histórias do Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) Conviver e CRAS Território de Paz. Vocês me transformam a cada dia e me fazem querer ser cada vez melhor: este trabalho também é de vocês. Agradeço também aos colegas de trabalho da Secretaria Municipal de Cidadania e Desenvolvimento Social (SMCDS) de Esteio, principalmente às equipes dos CRAS Conviver e TP, pelas trocas, desafios e desabafos.

Ao Higor, Natasha, dona Fátima e todos que de alguma forma contribuíram para este trabalho.

À minha orientadora, prof^a Dr^a Adriana Jorge Lopes Machado Ramos, pela sensibilidade e acolhimento que me possibilitaram chegar ao fim desse ciclo.

A todos os professores que me inspiraram à licenciatura.

Aos encontros que o Departamento de Arte Dramática me possibilitou, em especial, agradeço à Bruna Klein, Caroline Vetori, Márcia Metz, Priscila Jardim e Virgínia Cigolini.

Às pessoas que não citei, mas que de alguma forma tocaram e transformaram minha vida e hoje fazem parte de quem eu sou.

Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. Não posso estar no mundo de luvas nas mãos *constando* apenas. A acomodação em mim é apenas caminho para a *inserção*, que implica *decisão, escolha, intervenção* na realidade. Há perguntas a serem feitas insistentemente por todos nós e que nos fazem ver a impossibilidade de *estudar por estudar*. De *estudar* descomprometidamente como se misteriosamente, de repente, nada tivéssemos que ver com o mundo, um lá fora e distante mundo, alheado de nós e nós dele.

Em favor de que estudo? Em favor de quem? Contra que estudo? Contra quem estudo?

Paulo Freire

RESUMO

A partir da pergunta “O que é a vida?”, foram realizadas entrevistas com idosos participantes da oficina de contação de histórias, ministrada pela licencianda em Teatro no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos de Esteio, Rio Grande do Sul - Brasil. As memórias da pesquisadora são entrelaçadas às dos oficinandos, na busca de compreender seu processo como educadora e a importância das experiências de vida na construção da oficina. A fundamentação teórica do trabalho foi amparada em autores da Sociologia, da Educação e da Pedagogia do Teatro, tais como: Augusto Boal, Ecléa Bosi, Jean Claude Kaufmann, Jean-Pierre Ryngaert, Paulo Freire e Viola Spolin.

Palavras-chave: Memória. Velhice. Teatro. Contação de histórias.

ABSTRACT

Having the question “What is life?” as a guide, the elderly who participate in story telling workshops ministered by the undergraduate student in Theater Samanta Goelzer Dela Passe were interviewed. The workshops are part of the assistance provided to the population by the *Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos* of Esteio, Rio Grande do Sul - Brazil. The researcher relates her memories to the ones that are told in the interviews in order to comprehend her own development process as an educator, as well as the role and importance of life experiences in building the workshops. The theoretical background is based on authors from Sociology, Education and Theater Pedagogy, as follows: Augusto Boal, Ecléa Bosi, Jean Claude Kaufmann, Jean-Pierre Ryngaert, Paulo Freire e Viola Spolin.

Key-words: Memory. Old age. Theater. Story telling.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Minha avó, Irene Ferreira Dela Pase e eu. Foto retirada de arquivo pessoal.....	16
Figura 2- Foto do poema "Amor e Arte".....	38
Figura 3- Foto do primeiro poema nomeado "Samanta".....	41
Figura 4- Foto do segundo poema nomeado "Samanta".....	42
Figura 5- Arte da ilustradora brasileira Layse Almada (2016).....	61

SUMÁRIO

Um breve memorial	10
Objetivos.....	17
Capítulo I - Viver a Terceira Idade	18
Capítulo II - Entrevista compreensiva: a metodologia escolhida para a abordagem com os entrevistados	30
Capítulo III - Análise das entrevistas	36
Considerações Finais	61
REFERÊNCIAS	65
ANEXOS.....	66

Um breve memorial

A família é o que está nos cantos, nas nossas fissuras, como o pó que se acumula na esquina do chão, tão difícil de retirar. Ela está entre os dedos, as axilas, entre as pernas, no canto do olho, debaixo da língua, entre os dentes. É um pires. Porque é para o pires, não é? É para o pires que a xícara sempre retorna, em repouso.

Grace Passô – Amores Surdos

No dia 3 de outubro do ano de 1994, nasceu uma criança. Com isso, nasceram pai, mãe, irmã, tias, avôs, avós. Nasceu uma avó-mãe: Irene. Nasceu uma filha-neta: Samanta. Desde então, são anos de convivência aprendendo a legitimar essa relação. Vinte e três anos que eu, Samanta, convivo com uma pessoa cheia de memórias – e que hoje já tem 79 anos de histórias para contar.

Em 2015, comecei a trabalhar na Secretaria de Cidadania e Desenvolvimento Social de Esteio (SMCDS), realizando oficinas de contação de histórias – justamente para idosos – através do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), que é uma política de assistência social estruturada e financiada pelo governo federal, mas implementada pelos municípios. A iniciativa tem como objetivo a criação de grupos dentro dos Centros de Referência em Assistência Social (CRAS), em complemento ao acompanhamento realizado às famílias pela Proteção Social Básica. A organização dos grupos é feita por faixas etárias, salvo algumas exceções com grupos intergeracionais, em que se trabalha a fim de promover vínculos familiares e comunitários para prevenir que públicos vulneráveis passem por situações de violência nas suas diversas formas.

Para que o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) seja realizado, há uma equipe formada por diversos profissionais. Primeiramente, há um Técnico de Referência, que é um profissional de nível superior, geralmente formado nas áreas de Serviço Social ou Psicologia, para acompanhar os usuários do SCFV e atendê-los individualmente. Em seguida, há um Educador Social, profissional de nível médio, para acompanhar todas as atividades dos grupos. Além disso, há profissionais contratados para ministrar as oficinas, que, assim como a política, são descritas nas normas técnicas do SCFV pelo governo federal, mas ficam a critério de cada município. Ou seja, cada prefeitura pode optar por quais atividades dentre as listadas para oficinas se encaixam melhor ao perfil do público atendido.

Nesse contexto, está a oficina de contação de histórias, bem como as outras oficinas que fazem parte do SCFV de Esteio, a saber: artesanato, atividade física, cidadania, dança e música. Os oficinairos, que são contratados através de licitações, trabalham lado a lado a concursados e Cargos de Confiança (CCs), em uma relação tensa e complicada, uma vez que a busca da garantia da política de assistência social em meio a corrupção, congelamento de verbas e conflitos de poder, não é unânime.

A demanda por políticas relacionadas ao bem estar do idoso aumenta ao passo que a população cresce e se percebe desamparada socialmente. Segundo o dicionário Michaelis, *idoso* significa “1. Que ou aquele que tem muitos anos de vida; velho”. Já a palavra *velho* consta com os seguintes significados “1. Que atingiu a ancianidade; de idade avançada; idoso; vetusto”, mas também “2. Que está fora de moda; antiquado; obsoleto; ultrapassado”. Ao começar a trabalhar no SCFV ministrando oficinas para idosos, encontrei pessoas que pareciam conviver diariamente com essas significações. O peso dos anos vividos não se encontrava só nas dores físicas e nas limitações visíveis de cada um, mas também na dor de sentirem-se obsoletos em relação ao resto do mundo.

Em uma sociedade que a cada dia mais combate o envelhecimento com pesquisas na área da saúde e tratamentos estéticos, e que nega constantemente o ciclo natural da vida, ser velho pode carregar sentidos difíceis de lidar. Embora estejamos fugindo do envelhecer, cada vez mais a população de idosos cresce e, com isso, temos que pensar em subsídios para a qualidade de vida dessa parcela da população. É neste contexto que as políticas relacionadas ao idoso se mostraram necessárias e assim ganharam maior amparo legal desde a criação do Estatuto do Idoso, em 1997. A partir disso, a implementação de programas específicos para o idoso, como os grupos de SCFV, é garantida em lei.

Dito isso, o fato de eu conviver diariamente com minha avó e ser tão próxima de uma pessoa idosa não me deixou menos assustada e nervosa com a empreitada de trabalhar no SCFV como oficinaira para grupos acima de 60 anos. Inicialmente, não sabia o que esperar de um público que nunca tive contato, ou que não percebi o quão eu já estava ligada.

Lembro da energia transmitida nos olhares do primeiro encontro com o grupo. Olhos atentos, críticos, mas, ao mesmo tempo, acolhedores – como de quem

diz que não aceita qualquer coisa, porém está disposto a ouvir a proposta. Havia um cansaço visível na face de cada um: vivências declaradas em cada ruga e manchinha na pele. Impossível não pensar no quanto os idosos tinham para falar, no quanto eles sabiam melhor que eu o que queriam da oficina.

Nesse sentido, a oficina de contação de histórias para idosos foi construída em conjunto: não havia um manual para seguir, nem exemplos próximos para inspirar os encontros. O que havia eram os desejos de ambas as partes buscando formas de serem efetivados. De um lado, idosos com algum tipo de vulnerabilidade – financeira, social ou emocional –, me dando a chance e se dando a chance de novas possibilidades de existência, de produção e compartilhamento de vivências. Do outro, uma licencianda em Teatro, que não estava atuando em uma escola, nem ao menos ministrando aulas específicas de teatro (embora, com o passar do tempo, o teatro tenha dominado boa parte das oficinas), tentando se encontrar no universo vasto da contação de histórias e da assistência social.

Durante o primeiro ano de trabalho na SMCDs, idosos e eu nos construímos enquanto oficina e grupo de idosos do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos de Esteio (SCFV). Ao longo deste ano, percebemos juntos que as histórias que eles têm para contar são tão importantes e significativas quanto as que lemos nos livros, ou até mais. Enquanto debatíamos sobre os assuntos mais diversos, o que surgia de mais rico vinha sempre de um relato, de uma memória. As experiências de vida de cada um dos idosos passaram a conduzir a oficina, assim como minha experiência com minha avó passou a ser uma das principais fontes de conhecimento para meu trabalho com os grupos.

Ao mesmo tempo em que ter contato próximo com uma pessoa da mesma faixa etária dos grupos com os quais trabalho me auxilia a entender melhor o universo que adentro nas oficinas, o contato com minha avó me mostra o quanto cada pessoa é diferente dentro de suas particularidades. Minha avó nunca foi a "mãe com açúcar" que falam por aí. Só conheci o doce das pessoas mais velhas ao começar a trabalhar na assistência social. Como esperar que pessoas com vidas tão diferentes se expressem da mesma forma? Assim, conhecer os oficinandos me fez ter interesse não só pelas histórias deles, mas também pelas histórias de minha avó, contadas e recontadas diversas vezes no nosso dia-a-dia e não valorizadas pelo cotidiano, pelo costume.

Isto posto, falar sobre minha relação com minha avó é entender o porquê me refiro tanto a ela. Nasci e cresci em Esteio, Rio Grande do Sul. Fui, assim como muitas pessoas nesse mundo, criada pelos meus avós – no caso, avós paternos. Meus pais, que levaram muito a sério a era *sexo drogas e rock'nroll*, não tinham estrutura para estar comigo, e, em uma atitude muito corajosa e sábia (hoje eu percebo), minha mãe me deu à minha avó, mãe do meu pai, na certeza de que ela poderia ser melhor suporte para mim.

Ser criada pela avó não é nada parecido com aquelas histórias bonitas com bolinho de chuva das quais se ouve falar – pelo menos não foi para mim. Ser criada pela avó é ser criada por uma pessoa de duas gerações anteriores à sua, em um tempo em que mudanças sociais importantes ocorrem a cada segundo. Ser criada pelos avós é ver o seu avô falecer de câncer quando completaria 66 anos: novo para um avô, mais novo ainda para um avô-pai. É não ter ninguém para chamar de mãe, pois sempre foi ensinada a chamá-la de vó, pois seu pai estava ali perto e seria estranho não chamá-la assim. É ficar envergonhada em eventos dedicados ao dia das mães e não saber o que responder quando perguntam se sua avó é sua mãe e, se não é sua mãe, onde sua mãe está. É não ter alguém para perguntar sobre menstruação, sexualidade ou para te ajudar com o tema de matemática. É não ter escolha religiosa, e sentir culpa e muita dificuldade ao se desvencilhar da igreja e do catolicismo. É precisar de ajuda para coisas mínimas, como uma ida ao médico, mas conviver com alguém que sempre vai estar precisando mais que você. É tentar escrever o trabalho de conclusão de curso enquanto se escuta o Padre Fábio de Melo na televisão.

Minha avó é bem para frente para uma pessoa de 79 anos. Com Facebook e WhatsApp, não recria sexo antes do casamento, faz *selfies* e sempre quis ver suas filhas independentes e estudadas. Entretanto, ainda assim ela é de outra época e, por mais que tenha desconstruído condicionamentos sociais conservadores, ainda se choca com as mudanças que ocorreram no mundo durante sua vida. Conviver 24 horas por dia com uma pessoa idosa é entender na prática que pessoas passam uma vida construindo o que são e como agem, e, por isso, é ingênuo querer desvalidar uma vida em um passe de mágica. É ter que levar esse fato em consideração antes de se indignar por qualquer coisa que tenha acontecido. Quem diria que dentro da minha própria casa eu iria aprender tanto e ter a melhor

professora para poder lidar com o público com o qual trabalho? Ser criada pela minha avó é ter tido o melhor laboratório possível para ser oficinaira de idosos.

Possivelmente por ter grande contato com uma pessoa idosa, quando ia trabalhar, a cada novo encontro, a cada nova história vinda dos grupos, a sensação que ficava em mim ao término das oficinas era a de memórias sopradas no ar e levadas pelo vento. Eu sabia que o simples ato de as contar já produzia um efeito positivo em nosso grupo, mas isso não estava mais sendo suficiente. Então, por que não registrá-las de forma mais concreta? Dessa maneira, unimos as características da oficina de contação de histórias ao interesse de umas das equipes de Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) de refazer o projeto de um livro de memórias.

A proposta do livro foi o empurrão que faltava para que eu encarasse o que precisava acontecer: uma responsabilidade inédita, ir mais fundo nas memórias de cada participante e descobrir as emoções que isso suscita em cada um e como lidar com elas. Esse processo me faz lembrar das histórias da minha avó e o quanto eu espero que elas estejam vivas quando ela não estiver mais aqui para contar. Sinto o gosto do sagu que ela faz – o melhor do mundo –, e que eu ainda não parei para aprender a preparar. Eu tinha certeza que as memórias daqueles idosos mereciam estar em um lugar mais preciso que o ar. Assim, aceitei o desafio e, em 2016, em um dos grupos de idosos do SCFV, dei início ao projeto que mais tarde se tornou o livro "Memórias: de lá, para cá".

Sou brasileira, branca, olhos claros, mas, embora pareça, não faço parte da elite gaúcha, venho de uma família de baixa renda, vivendo por muitos anos apenas com a aposentadoria do meu avô, estudante de escola pública, com pais que não completaram o ensino médio. Mesmo assim, tive acesso à muitas coisas, podendo chegar à uma graduação e sempre tive a certeza de que eu tinha que retribuir os privilégios que tive durante minha vida e as chances que me foram dadas. Meu sonho de adolescente era fazer a diferença em meu entorno, poder desconstruir, construir, pensar junto com quem estava próximo à mim. Acabei conseguindo me inserir nessa tarefa bem cedo, pois logo no segundo ano de faculdade eu já realizava oficinas em projetos sociais (inclusive, no projeto em que comecei a fazer teatro, no ano de 2009), e depois entrei para a assistência social, trabalhando em lugares tão próximos de onde moro que consigo chegar em 15 minutos caminhando.

Ao começar a trabalhar na SMCDS, tive um choque de realidade: comecei a me sentir cada vez mais impotente. A cada dia de trabalho entrava em contato com uma nova história e suas problemáticas sociais, raciais, culturais e econômicas: saber que a menos de 20 minutos de onde eu moro há famílias sem saneamento básico; ver idosos do meu grupo catando lixo enquanto vou ao mercado; perder integrantes dos grupos por causa da vulnerabilidade em áreas de risco, pela pobreza e pela violência gerada por uma sociedade tão desigual. Não encontrar formas de resolver tudo isso me perturbava muito.

Além de um trabalho onde era difícil de digerir as frustrações, eu cursava uma faculdade difícil de acompanhar. Em 2015, eu estava matriculada, com muitas disciplinas atrasadas, no 6º semestre de licenciatura em Teatro no Departamento de Arte Dramática (DAD) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Neste período, começou minha crise existencial. Em outras palavras, eu queria poder fazer mais, não sentia que estava auxiliando de forma efetiva o mundo. Os conteúdos acadêmicos não supriam a minha angústia diante de uma realidade de abandono e desamparo na qual meu público estava inserido.

Entrei em um conflito interno complicado e cheguei a me inscrever para o vestibular de Serviço Social, porém acabei não comparecendo à prova e continuei no curso de Teatro. Quando estava mais distanciada de minha crise, comecei a analisar o que de fato aconteceria se fosse para a área de Serviço Social. Observando a equipe da qual faço parte no trabalho, me dei conta do que eu já sabia, do que já via no dia-a-dia: o sentimento de impotência não era só meu. Todos, desde os concursados de nível fundamental e médio até os psicólogos e assistentes sociais sentiam o mesmo vazio da impossibilidade. A rede de assistência não funciona como gostaríamos e isso não acontece só em Esteio, pois trata-se de um contexto social. Era ingenuidade minha, e até mesmo arrogância, acreditar que um vestibular para Serviço Social me oportunizaria fazer mais.

Também comecei a observar como a arte contribui para a assistência social: nenhuma outra área poderia contribuir da mesma forma. A partir disso, refleti sobre muitos aspectos de meu trabalho com os grupos de idosos. Percebi que as atividades das oficinas eram o meio que mais possibilitava conhecer as pessoas que participavam dos grupos. Ainda, compreendi o potencial de transformação das oficinas ao passo que sentia o quanto transformavam a mim e aos grupos. Nossa

relação era profunda. As oficinas funcionavam como um canal entre nós, e, trabalhando juntos, conseguíamos expurgar muitos sentimentos, aprender uns com os outros, questionar, modificar a forma que agimos, e experimentar novas possibilidades. Finalmente, me perguntei como teria chegado àquele lugar se não fosse através da arte. Eu mesma só estava naquele contexto por causa do teatro, que comecei a fazer com 13 anos em um projeto social. Com isso, entendi que cada área atua de forma diferente, mas equivalente em importância.

Por fim, com base no projeto da oficina de contação de histórias que desenvolvi em um dos grupos de idosos do SCFV, foi publicado pela prefeitura de Esteio o livro de memórias, com 44 narrativas. Parte deste projeto influenciou meu trabalho de conclusão sobre as memórias dos idosos com os quais trabalho, bem como todas as minhas inquietações como educadora na assistência social.

Perceber os idosos como sujeitos atores de suas próprias histórias e contribuir para dar visibilidade e escuta afetiva às suas narrativas de vida foi o que me motivou a propor um documentário sobre esses idosos para o trabalho de conclusão de curso.

Decidi que a pergunta “O que é a vida?” – ampla, mas ao mesmo tempo complexa, profunda e pessoal – nortearia entrevistas com eles. Assim, entrei em contato com alguns dos idosos que fazem parte do SCFV a fim de escutar quem protagoniza minhas oficinas e buscar analisar, através dos relatos, a forma com que o teatro e a educação se integram na assistência social e em histórias de vida tão singulares.



Figura 1- Minha avó, Irene Ferreira Dela Pase e eu. Foto retirada de arquivo pessoal.

Objetivos

1. Recolher histórias de vida de idosos participantes da oficina de contação de histórias do SCFV de Esteio e transcrever o documentário resultante das entrevistas;
2. Apresentar a metodologia de Jean Claude Kaufmann, utilizada para a realização das entrevistas;
3. Analisar as narrativas motivadas pela pergunta “O que é a vida?” a partir dos autores Augusto Boal, Ecléa Bosi, Jean-Pierre Ryngaert, Paulo Freire e Viola Spolin.

Capítulo I

Uma lenda balinesa fala de um longínquo lugar, nas montanhas, onde outrora se sacrificavam velhos. Com o tempo não restou nenhum avô que contasse as tradições para os netos. A lembrança das tradições se perdeu. Um dia quiseram construir um salão de paredes de tronco para a sede do Conselho. Diante dos troncos abatidos e já desganhados os construtores viam-se perplexos. Quem diria onde estava a base para ser enterrada e o alto que serviria de apoio para o teto? Nenhum deles poderia responder: há muitos anos não se levantavam construções de grande porte, e eles tinham perdido a experiência. Um velho, que havia sido escondido pelo neto, aparece e ensina a comunidade a distinguir a base e o cimo dos troncos. Nunca mais um velho foi sacrificado.

Eclea Bosi – Memória e Sociedade: lembranças de velhos

Viver a Terceira Idade

Neste capítulo, explorarei os conceitos de memória e velhice com base nas ideias da professora e psicóloga Eclea Bosi, a fim de estabelecer relações com o processo de construção das oficinas de contação de histórias ministradas por mim no SCFV. A partir disso, buscarei elucidar as motivações que me levaram a gravar as entrevistas que fazem parte deste trabalho de conclusão de curso.

Uma das consequências do aumento da população idosa é a convivência em sociedade com pessoas mais velhas – uma tarefa que demanda adaptações. Neste sentido, as relações sociais requerem flexibilidade também do idoso, que já não se sente útil ao mundo como se sentia antes, mas cuja expectativa de vida ainda é longa. Eclea Bosi traz em seu livro *Memória e Sociedade: lembranças de velhos* (1994) reflexões sobre o velho em meio à construção de uma sociedade capitalista, e a importância de suas memórias para sua autoafirmação como ser social. Para Bosi (1994, p.63): “Há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo: neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar.” Dando continuidade ao ato de lembrar para os velhos, a autora complementa: “Na velhice, quando já não há mais lugar para aquele “fazer”, é o lembrar que passa a substituir e assimilar o fazer. Lembrar agora é fazer. É por isso que o velho tende a sobrestimar aquele fazer que já não se faz.” (p. 480).

No viés do lembrar como fazer, a oficina de contação de histórias para idosos do SCFV se constituiu como um espaço de promoção do lembrar. Para isso, idosos e eu construímos a oficina de forma espontânea, à medida que suas necessidades de exemplificar opiniões através de vivências e compartilhar narrativas se manifestavam. Bosi (1994) explica que, segundo a teoria do filósofo Henri Bergson (1859-1941), a memória se divide em duas formas: a memória-hábito, que se constitui da memória vinda através da ação, –como a forma que apreendemos as qualidades necessárias para exercer nosso trabalho, nos alimentarmos e locomovermos –; e a memória independente de qualquer hábito, na qual surgem as lembranças espontâneas do passado. Segundo esta teoria, quanto menos o uso da memória-hábito é necessário, mais as lembranças vêm à tona. Ou seja, ao utilizar menos a memória-hábito, os velhos passam a ocupar seu tempo com lembranças de

forma consciente, diferente de um adulto que vê as lembranças do passado como momento de descontração e lazer.

A maior parte dos idosos integrantes do SCFV passou pelo isolamento social, e encontrou na oficina o espaço que precisava para se integrar novamente à sociedade e trabalhar suas lembranças, além de ouvir tantas outras. Embora o idoso sinta vontade de contar suas histórias, muitas vezes não encontra interlocutores para narrá-las. Em um mundo onde as pessoas levam uma vida agitada e a informação se dá na base de um *click*, pouco tempo sobra para as longas e detalhadas histórias que uma pessoa mais velha tem para contar. Bosi (1994, p.84), questiona: “Porque decaiu a arte de contar histórias? Talvez porque tenha decaído a arte de trocar experiências. A experiência que passa de boca em boca e o mundo da técnica desorienta”. Nesta dinâmica, perde-se a riqueza da personalidade, de ouvir algo que ninguém mais poderia contar. Perde-se também os pontos de vista variados, a relação interpessoal, o contato real – aspectos que abastecem o teatro e que despertam grande interesse em uma licencianda em Teatro.

Com a certeza de que as narrativas de vida dos idosos eram o caminho para a oficina de contação de histórias, surgiu a difícil missão de mostrar a idosos abandonados e machucados pela vida que suas histórias são sim importantes, tanto quanto as lidas nos livros, as passadas nos programas de tevê, e as encontradas nas redes sociais. Para isso, os jogos e exercícios teatrais, tanto quanto a relação de grupo e a responsabilidade que aprendemos com o teatro, foram mediadores essenciais que utilizei a fim de possibilitar um ambiente acolhedor e confiável ao grupo. A cada nova problematização, novas conquistas e empoderamentos surgiam, e uma delas foi o livro lançado pela prefeitura que retrata as narrativas de vida do grupo. Após um longo processo e muitos “eu não tenho nada pra contar que seja interessante”, o livro tornou-se um dos maiores orgulhos de cada um dos idosos participantes da oficina de contação de histórias.

Bosi ressalta a necessidade de se buscar motivações para continuar a vida:

Sobre a inadaptação dos velhos, conviria meditar que nossas faculdades, para continuarem vivas, dependem de nossa atenção à vida, do nosso interesse pelas coisas, enfim, depende de um projeto. De que projeto o velho participa agora? [...] Durante a velhice deveríamos estar ainda engajados em causas que nos transcendam, que não envelhecem, e que dão significado a nossos gestos cotidianos.” (Bosi, 1994, p.80)

Trabalhar com as memórias dos idosos é, antes de tudo, reafirmar a importância do idoso como ser social, valorizando cada indivíduo como único e auxiliando o grupo no processo de autovalorização e ressignificação da vida. É escutar o oprimido e entender os processos de opressão social que os trouxeram até ali. É buscar o que o teatro tem de mais humano e utilizar como forma de possibilitar acolhimento, conforto, respeito, reflexão e confiança.

O engajamento nas oficinas do SCFV trouxe novas perspectivas de vida para os participantes. Muitos deles passaram a integrar o Conselho Municipal do Idoso, interferindo ativamente em questões comunitárias e buscando a garantia de direitos da pessoa idosa. Além disso, fazer parte do projeto do livro de memórias trouxe um grande objetivo a ser alcançado pelo grupo, retomando a ideia do idoso como pessoa que produz e tem projetos individuais, que não estão relacionados ao cuidado dos filhos e netos – como por muitas vezes passa a se resumir a vida do idoso.

Durante as oficinas, os participantes foram levados a debater assuntos contemporâneos, como gênero, questões raciais, e leis. Bosi fala sobre como o idoso passa a ser tratado após não fazer mais parte da sociedade produtiva: “Não se discute com o velho, não se confrontam opiniões com as dele, negando-lhe a oportunidade de desenvolver o que só se permite aos amigos: a alteridade, a contradição, o afrontamento e mesmo o conflito.” (1994, p.78)

O espaço para o debate se dá na oficina de contação de histórias por meio de jogos e exercícios teatrais que aguçam lembranças e narrativas de vida. Atividades desse tipo possibilitam ao idoso o sentimento de pertencimento ao hoje, com a riqueza da sabedoria adquirida no ontem, o que o faz problematizar as divergências entre um e outro a fim de refletir sobre as alternativas para o amanhã. Bosi (1994, p.421), ressalta o tempo do velho: “Curiosa é a expressão *meu tempo* usada pelos que recordam. Qual é o *meu tempo*, se ainda estou vivo e não tomei emprestada minha época a ninguém, pois ela me pertence tanto quanto a outros, meus contemporâneos?”

A cada novo estímulo, o idoso passa a se reconhecer mais como ator de sua própria vida e se sente capaz de traçar mudanças na sua história, bem como escrever novas narrativas a serem vividas. Hoje, muitos dos idosos do SCFV falam “ainda vou ter muitas outras histórias para contar, agora felizes”, destacando a ideia

de que a vida continua cheia de projetos a serem conquistados, com a sabedoria de quem teve muitas experiências e hoje pode usá-las e partilhá-las. Ao finalizar o livro de memórias, um dos sentimentos mais presentes no grupo foi o de poder deixar uma herança aos mais novos, de ter a garantia de que suas histórias estariam guardadas e poderiam servir para as outras gerações.

Neste contexto de valorização de memórias, não como algo que fique guardado ao passado, mas como potencial de ressignificação da vida atual, surge a segunda empreitada em relação às narrativas desses idosos. Este trabalho de conclusão de curso é baseado nos relatos dos idosos integrantes da oficina de contação de histórias a fim de construir um documentário em que serão registradas mais algumas de suas histórias de vida. Além disso, o documentário tem como objetivo fazer com que os idosos percebam a forma como se reconhecem no mundo antes e depois de estarem no grupo de idosos do SCFV.

Todo o material coletado e gravado tem cerca de 15 horas de gravação, no entanto transcreverei somente os fragmentos selecionados para o vídeo documentário elaborado para o painel de licenciatura¹, que totalizam a média de 25 minutos. Apresentarei as narrativas recolhidas como constam no vídeo de apresentação, respeitando a edição feita. Os idosos participantes são: Carmem de Fátima Preto Ramos e Terezinha dos Santos, ambas com 63 anos e integrantes do grupo do CRAS Território da Paz; Celina Garcia dos Santos, 59anos, Janete Batista da Rosa, 69 anos, e Luiz Alberto da Rosa, 67 anos, integrantes do grupo do CRAS Conviver.

A pergunta “O que é a vida?” foi norteadora de todas as entrevistas. Tendo em vista que a presente pesquisa busca a espontaneidade e a diversidade, a dinâmica adotada para as entrevistas foi basicamente deixar os entrevistados livres para que suas narrativas avançassem conforme suas inquietações, sem que tivessem interferências externas da pesquisadora. O documentário apresentado na ocasião do Painel de Licenciatura pode ser visualizado no link: <https://youtu.be/R5xTM5Em5Nw>. As entrevistas na íntegra estão com a pesquisadora para desdobramento em uma futura dissertação de mestrado.

¹Evento anual onde ocorrem as bancas para defesa de TCC dos licenciandos em Teatro do Departamento de Arte Dramática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Transcrição do documentário – O que é a vida?:

CARMEM [em off]

Tentando passar às pessoas amor, ternura e emoção, gosto de ler meus poemas, pois eles vêm do fundo do coração. São escritos de forma simples, pois não sou nenhuma intelectual. É como se alguém me falasse de um amor sem igual. Então olho para dentro de mim e vejo um amor sem fim. Fico envolvida em ternura, como se um anjo falasse de amor para mim. Cada dia que passa, escrevo mais poemas de amor. Quero ouvir sempre esse anjo escrever em rimas, seja o amor que for. Vou continuar a escrever, cada dia escutando mais o coração, pois meu coração ouviu um anjo, que só sabe de amor, ternura e emoção.

[Créditos iniciais: FBG Apresenta / Um documentário de Samanta Della Passe.]

[Título: O QUE É A VIDA?]

CARMEM

Tenho sessenta e três anos e eu pertencço ao grupo do idoso do CRAS do Território de Paz, onde eu estou há cinco anos. Eu fui lá porque, quando perdi meu marido, entrei em uma depressão, parecia que o mundo ia acabar. E lá eu tive ajuda, apoio, fui me recuperando. Aí a gente participou do projeto Resgatando Histórias, onde eu descobri um dom que até agora não conhecia e dei a volta por cima, comecei a escrever e não parei mais. Foi muito bom. Eu quero passar isso para todo mundo, que a gente pode vencer a depressão com arte, seja ela qual for, cantando, escrevendo...

TEREZINHA

Quando eu era pequena, a minha mãe se separou do meu pai no dia em que eu fiz um aninho de idade. Ele bateu nela, bateu em mim, dizendo que não era filha dele, pegou e se mandou para o mundo. Daí foram meus avós que me juntaram com as duas mãos e me criaram do jeito que eu sou.

JANETE

Na infância, não era tão bom assim. A gente não tinha perspectiva para o futuro. Morava em Cruz Alta, cidade do interior, desse tamanhinho, pequenininha. E fugi,

peguei um ônibus e fui para São Paulo, sem conhecer, sem saber. Quando eu cheguei em São Paulo eu me maravilhei com aquilo tudo, né. Tudo novo, aquela imensidão, tudo era imenso, tudo era grande. E vivi quarenta anos lá. Constituí família, tive duas filhas.

LUIZ ALBERTO

Olha, se eu te contar a minha história, ela foi muito assim... muito pesada. Meu pai era ferroviário, meu pai de criação. Meu pai biológico também era ferroviário, então eram todos ferroviários. Nós morávamos, com meu pai, esse de criação, na beira da linha. Ganhávamos aquelas casas para morar, como todos os empregados da empresa ferroviária. E quando nós viemos morarem Cachoeira do Sul, eu tinha mais ou menos uns quinze, dezesseis anos... acho que não tinha ainda isso e trabalhava — que eu sempre gostava de estar trabalhando — em uma sapataria, ajudando o sapateiro, um senhor. Certo dia eu estava trabalhando lá e um senhor que nos conheceu, quando nós morávamos para fora¹, foi num bar e falou sobre o meu nome, que tinha uns conhecidos em Jacuí. Aí a dona desse bar, disse: "Luiz?" "É o Luiz do seu Manoel" — que era o meu pai de criação —. Disse que conhecia o meu pai e aquela coisa toda. Então ela disse: "Mas eu tive um filho..." — por essa luz aqui que me ilumina —, "Mas eu tive um filho chamado Luiz".

CELINA

Ah, a vida, para mim, quer dizer família, né. Depois que eu construí a minha família, eu entendi muitos significados que tem a vida. A minha vida, acho que começou a partir do momento em que eu me casei e construí minha família.

LUIZ

Aí, tá. Então ela disse: "Não, mas então o senhor vai lá e vê se me traz ele aqui, pra eu ver se é ele mesmo". Aí ele agarrou e foi lá na sapataria. E falou com o senhor, o dono. Aí eu fui lá. Mas quando eu cheguei lá, fiquei meio assim. É a minha mãe? Não é? Fiquei assim. É chocante, né. Daí ela disse: "Ah, eu sou a tua mãe, teu pai é o seu José Darisso". Eu disse: "Não, eu me lembro do meu pai, a minha mãe sempre dizia o nome dele e que era irmã dele." Ela disse: "Pois é, eles me tiraram de mim e te entregaram para esta tua tia, que é a tua mãe hoje". Eu não sabia o que fazer, né.

JANETE

Dentro deste ciclo de vida, eu elogio muito a mulher, que tem a capacidade de gerar uma vida, entende? Então a vida para mim é tudo. É tudo.

TEREZINHA

Olha, a vida é... é luz, é boa. Por mais que a minha vida foi ser escrava desde criança, a melhor coisa é a vida. Ter a vida, estar vivo. Estando vivo, se tem vida. Estando feliz, se tem vida. Estando triste, se tem vida.

JANETE

Eu escutava, naquela rádio, Tupi, que era uma rádio antiga, nós tínhamos rádio de válvula, meu pai escutava nele o futebol, os comícios políticos. E tocava sempre aquela música "São Paulo é terra boa, é terra da garoa". Então eu sonhava. Terra da garoa, o que é isso? Eu vou conhecer essa terra da garoa, custe o que custar. E fui.

TEREZINHA

Eu fugi de casa ameaçada por um tio meu. Ele queria me estuprar, a minha mãe queria ajudar ele e eu saí descabelada. Eu fui esfregar uma frigideira, daquelas de zinco, antiga. Não conseguia tirar a ferrugem e ela queria que ficasse branquinha. Eu esfregava, esfregava, com palha de milho e cinza. Daí ela olhou e diz ela: "Essa frigideira não está bem areada." E fincou a frigideira na minha cabeça, até deixou cicatriz, e pegou a pazinha com que tirava brasa para colocar no ferro de passar roupa, aqueles ferros antigos, grudou de quina no meu braço. Eu saí com aquele braço dependurado, gritando. Mas ao mesmo tempo, não fui direto nos meus avós. Eu pensava, bom, ela me odeia, mas ela é minha mãe. Eles são os pais dela. Eu vou contar, não vai dar certo.

JANETE

Tem uma palavra pra mim que é crucial, coragem. Uma palavra que a gente pouco fala, a coragem. Tem que se ter coragem, tem que se ter determinação, tem que se assumir os riscos.

TEREZINHA

Eu não sei por quem que a minha mãe puxou, ela era muito ruim. Todo mundo abandonou ela, jogaram ela no hospital. Eu fui, com a ajuda das minhas filhas, ajudar. Coloquei aqui, dentro da minha casa. Eu fiz um empréstimo para ajeitar a minha casinha e no fim, gatei tudo no sepultamento.

LUIZ ALBERTO

Eu achei naquelas alturas assim, será que é verdade, será que é minha mãe mesmo? Por que nunca fizemos um exame, nunca fizemos nada para saber se eu era ou não era filho. E eu fiquei naquela assim né. E ela, depois de uns tempos assim, parece que não quis me assumir. Eu procurava falar com ela e ela tentava se afastar. Até uma vez, quando eu já tinha família, já estava morando aqui, eu fui com os meus três filhos, lá na casa dela e ela ainda estava lá, mas parece que não quis receber. Eu fiquei muito chocado com aquilo.

JANETE

Eu fiquei sem dar notícias dezesseis anos. Dezesseis anos. Eu não tinha coragem, sabe. Eu não tinha coragem. Eu não sabia o que eu iria dizer. Eu passei até necessidade, com relação à criança, né. Porque eu não podia trabalhar. E eu estava em uma cidade estranha, não conhecia as pessoas. Por exemplo, as minhas filhas tiveram eu do lado, a mãe para ajudar a cuidar, eu não tinha ninguém, estava lá sozinha. Até que um dia resolvi vir, trazer a netinha para eles conhecerem. E daí, quando eu cheguei no portão, que abri assim, me lembro daquela música do Roberto Carlos "...meu cachorro me sorriu latindo". O cachorro me reconheceu. E veio para os meus pés, se arrastando e abanando o rabo. Aí eu vi a cara da minha mãe espiando na janela. Ela deu um grito. Aí veio todo mundo, né, tenho onze irmãos.

CELINA

Às vezes eu fico assim, pensando, que eu não fiz, acho, o que deveria, como mãe, ter feito por ele. Sabe? Porque eu, meio que deixei ele de mão². Ele era muito... como é que eu vou te dizer? Ele era muito brabo. E eu não entendia porque que ele fazia isso, sabe. Eu não podia contrariar ele, que ele ficava brabo. Ele me deu muito

trabalho né, o meu filho. Muita preocupação, desde novo. E aí ele ficou doente e não me falou. Por isso que eu me culpo um pouco. Talvez tenha sido por aquele jeito dele assim, ele não gostava de falar nada sobre ele. E eu deveria ter insistido mais. Talvez se eu tivesse insistido mais em conversar com ele, eu poderia ter ajudado. E eu não sabia que ele estava passando por um problema, tão sério. E é por isso que eu, às vezes, me culpo um pouco como mãe. Que eu não fiz o que eu deveria ter feito. Mas eu já conversei com a psicóloga e uma psiquiatra que me trato e elas disseram que não, que era pra eu tirar isso da cabeça, que ele não falava porque não queria, decerto, que eu ficasse sabendo. Pra fala a verdade ele tinha HIV. E ele nunca falou. Depois, quando eu fui ver, já era tarde eu não pude fazer nada por ele. Eu fui ver pela medicação, eu via tanto remédio ali no quarto dele. E aqueles frascos todos cheios. Ele pegava a medicação, ia largando ali e não tomava. E nunca falava nada. Às vezes eu até falava puxava: "Marcelo, o que tu tem?" E ele não falava. Aí, quando eu fui ver, que eu fui tirar a fundo o que que era aquela medicação, fui atrás de exames e receitas que ele tinha todas guardadas, foi aí que eu fui ver o problema dele. Aí eu fui conversar com ele. Ele só me ouviu, mas também não falou nada, ficou na dele. Aí, depois de um tempo... de um ano, ele ficou de cama por dez dias. Eu não conseguia fazer ele levantar da cama pra ir no médico. Até eu que fui no posto e chamei a ambulância para levar ele. Ele estava ali, sem comer, sem nada, direto. Aí a gente levou ele para o hospital, mas aí já estava muito, sabe. E aí ele ficou ali dez dias e faleceu. E é isso daí que as vezes eu penso que, pode até ser que não, né, mas eu fico pensando porque que eu não agi antes? Não me preocupei mais com ele. A gente que é mãe, às vezes quer ficar magoada, não quer dar o braço a torcer, quer castigar, porque filho tem que respeitar. Hoje eu vejo que filho também precisa de mãe. Não é porque ficam adultos... a gente fala que não, mas precisam sim. Agora eu estou vendo. Eu tenho as gurias e agora procuro compensar o que talvez eu pecasse naquela época do meu filho, de não ter feito. Eu não vou fazer do mesmo modo. Mas ele não queria que a gente soubesse né. Escondeu de todo mundo. E talvez por isso aquela raiva dele. Ele sabia que estava doente, mas não passava pra ninguém. E daí só ele com aquilo. E a gente não entendia porque ele era tão nervoso. Se explodia por qualquer coisa. Agora eu entendo. Mas agora pouco resolve, porque não posso fazer nada.

TEREZINHA

Esse é o meu disfarce para continuar a viver. Porque quando você foi embora e não mais voltou, deixou meu coração a sofrer, sem razão para continuar a viver. Você foi embora, mas não foi por falta de cuidado e de amor. Deixou meu coração partido, com desprezo e sem razão. Às vezes eu fico pensando: ele é uma flor que falta em meu Jardim florido, deixando meu coração sempre doído. Que destino que foi esse? Ô meu filho, ô meu filho.

[Imagens da comemoração da Semana do Idoso]

CELINA

Para ajudar eu consegui entrar no grupo do CRAS, que é o que me ajudou bastante, e tem me ajudado bastante. Porque eu estava em um estado de depressão, em casa, sempre doente. E lá muita coisa boa tem acontecido comigo. Eu sou muito tímida e lá eu consigo me extravasar um pouco. Canto, coisa que eu não faria em casa.

LUIZ ALBERTO

Sobre aqui eu estou tranquilo, está legal, entendeu? Pelo menos a gente tem com quem conversar, o tempo passa um pouco mais. A gente pode sair, dar uma caminhada.

CARMEM

No início isso era um segredo meu. Eu levei um ano escrevendo sem falar. A não ser para vocês do CRAS. Tu³ era uma para quem eu fazia um poema e já levava pra ler e me ajudava para ver se tinha alguma coisa errada. Eu te pedi ajuda muitas vezes e tu me ajudou. Mas quanto à minha família, meus filhos e netos, ninguém sabia que estava escrevendo poemas. Só vocês sabiam. Mas lá eu posso falar e manda a depressão embora.

JANETE

O grupo aqui, para mim, é muito importante, né. Os professores, o espaço é bom, entende? Somos respeitados, o que é importante.

CARMEM

A gente está em um projeto muito legal, a Cartilha do Idoso, com a professora Samanta. Eu participo desde o começo, é muito bom. Vai ser ótimo. Eu fico pensando, assim, que com esse projeto a gente está facilitando as leis do idoso, através de desenhos, de fotos, de frases. Quando o idoso ver vai poder identificar o que está escrito ali. Vocês jovens quando estiverem velhinhos vão lembrar da gente. Já pensou o neto da gente ou o filho, quando estiver velhinho, pegar aquela cartilha e falar: "Bah essa aqui foi minha mãe que fez, participou".

JANETE

Então eu acho que a vida da gente não vem traçada, ela não vem escrita. A minha vida não veio escrita, ó, tu vai fazer isso, isso e aquilo. Eu acho que você é quem constrói as coisas pra sua vida.

CARMEM

Eu tenho uma grande amiga que tem um brilho verde no olhar é a professora Samanta que uma cartilha está a me ensinar. Sempre nas suas aulas, ficamos a conversar. Ela tem muita paciência das minhas frases escutar. Me ensina uma cartilha para o idoso no futuro usar. Um assunto muito sério, nas aulas eu procuro não faltar. Me ensina com paciência, sempre com histórias a contar. Também tem brincadeiras dinâmicas e até teatro aprendi a representar. Obrigada professora por me ensinar este projeto. Tenho certeza de que no futuro vai ser um grande sucesso.

LUIZ ALBERTO

Viu como é diferente a nossa vida com a vida dos pássaros? Todos alegres, cantando. É uma diferença bastante, né? Claro. Nós é... como dizem, temos muito mais compromissos do que eles. Mas é aquela coisa, né. E tem gente muito mais malvada do que os animais por aí.

[Créditos finais.]

Capítulo II

Sentir tudo que se toca;
Escutar tudo que se ouve;
Ver tudo que se olha.

- Augusto Boal

Entrevista compreensiva: a metodologia escolhida para a abordagem com os entrevistados

Neste capítulo apresentarei a metodologia utilizada para a coleta das narrativas, a qual foi fundamentada no conceito de *entrevista compreensiva*, bem como o processo de seleção dos fragmentos das entrevistas.

A escolha metodológica para este trabalho de conclusão de curso baseou-se no conceito de *entrevista compreensiva* do sociólogo Jean Claude Kaufmann, analisada pela pesquisadora Piedade Lalanda em seu artigo *Sobre a metodologia qualitativa na pesquisa sociológica* (1998).

A entrevista compreensiva busca o contato direto do pesquisador com o entrevistado, valorizando os dados qualitativos existentes nas escolhas das narrativas feitas pelos objetos de estudo. Esta metodologia pressupõe que o pesquisador observe não só quem fala, mas como fala e o ambiente que o cerca. Lalanda (1998, p.875) destaca:

A entrevista em profundidade (compreensiva) permite abordar, de um modo privilegiado, o universo subjectivo do actor, ou seja, as representações e os significados que atribui ao mundo que o rodeia e aos acontecimentos que relata como fazendo parte de sua história.

Parte do sucesso da entrevista compreensiva se dá através da forma que o entrevistador se coloca perante seu interlocutor. Para Lalanda (1998), a empatia é fundamental: Quanto mais inserido no contexto do entrevistado, mais fundamentado o pesquisador estará. Lalanda (1998, p. 874) complementa sobre a importância de o entrevistado sentir-se como ponto central da entrevista, justificando: “Daí que seja ele a tomar em muitos momentos a iniciativa do discurso. O entrevistador deve evitar condicionar as respostas pelas perguntas que faz”.

Assim que decidi fazer o documentário com os idosos participantes da oficina de contação de histórias do SCFV – Esteio/RS, compartilhei com eles a ideia para saber sobre o interesse do grupo em participar das gravações. A minha orientadora, prof^a Adriana Jorge, perguntou: “Será que você consegue uns cinco que se disponibilizam a gravar?”, e eu respondi: “Com certeza, muitos vão querer participar” – tendo em mente o histórico com o grupo e o quanto temos um forte vínculo que os fazem ser ativos e interessados nas propostas.

Expliquei aos grupos o que era um trabalho de conclusão de curso, e revelei que o meu seria sobre nossa oficina de contação de histórias. Falei que minha escolha se deu por querer que eles fossem parte viva do trabalho, pois não queria apenas falar deles. Eu queria que meu trabalho tivesse o que melhor fazemos na oficina, ou seja, que eles mesmos falassem sobre si. Os grupos ficaram muito felizes e empolgados com a proposta, uma vez que se sentiram valorizados e demonstraram, inclusive, que não acreditavam ser possível estarem em um ambiente acadêmico. Alguns não compreenderam exatamente do que se tratava, pois não conseguem ter o entendimento sobre o que é uma universidade e como ela funciona, entretanto, queriam me ajudar: “Se for pra te ajudar, eu quero, Samanta”, “Pode contar comigo”, “Ah, eu já gravei um documentário antes, é bem legal”, “Eu quero ser gravada”.

E então surgiu a primeira preocupação: todos estavam muito empolgados. Ao dizer todos, me refiro a cerca de 40 idosos que fazem parte da oficina de contação de histórias. Como trabalhar 40 vidas diferentes em um documentário que deve ser curto devido ao tempo da banca? Eu não poderia simplesmente escolher alguns e deixar os outros de lado. Sabia o quanto seria importante para eles esse momento. Após conversar com a professora Adriana e relatar que todos queriam participar, cheguei à conclusão de que eu não poderia negar isso. Decidi que gravaria com todos e que faria uma versão do documentário para o trabalho de conclusão de curso, e outra para o grupo, com o qual eu organizaria um evento de exibição para que os idosos pudessem levar pessoas para assistir.

Comecei as gravações marcando as entrevistas conforme a disponibilidade de horários dos idosos. Após gravar 15 entrevistas, percebi que não tinha mais tempo para continuar no mesmo ritmo. Neste ponto, eu já havia coletado o material necessário para o trabalho de conclusão de curso. Fiz uma pausa nas gravações com o intuito de retomá-las após a finalização deste trabalho como um projeto independente de meu trabalho.

As entrevistas feitas por mim trazem o mínimo de interrupções possíveis. Iniciei as gravações com a pergunta “O que é a vida?” e deixei que a conversa se transformasse em um relato do entrevistado a partir de seus questionamentos e anseios. Os silêncios e a inquietude foram respeitados, deixando que surjam falas como “– O que mais tu quer que eu fale?”. Em alguns momentos, apenas fiz gestos

e sons de concordância, a fim de demonstrar que estou acompanhando a narrativa e dar o apoio que alguns idosos requerem. Um exemplo que ilustra essa postura é o caso do entrevistado Luiz Alberto, que diversas vezes perguntou “– Concorda?”. Em outros momentos, retomei algum relato incompleto ou perguntei ao entrevistado se este tinha algo que a compartilhar como forma de instigar a continuação das narrativas.

Lalanda (1998, p.881), argumenta sobre pontos que são retomados a fim de esclarecer *zonas de sombra* deixadas na primeira versão da fala: “Só a atenção do investigador consegue dar conta de contradições, vazios de sentido e, não raras vezes, é num segundo momento que o entrevistado é levado a retomar o mesmo percurso [...] A regra de ouro é não ter pressa de acabar”. Isto acontece claramente no relato de Teresinha dos Santos, que, a cada vez que retoma sua história de infância, traz novas informações, gradativamente mais íntimas, até o ponto em que revela a tentativa de estupro que sofreu pelo tio e o braço quebrado pela mãe – acontecimentos que a levaram a fugir de casa.

Embora uma série de entrevistas tenha sido realizada por dia, com horários marcados – uma vez que a demanda era grande –, o tempo de narrativa de cada entrevistado foi respeitado. Por esse motivo, diversas vezes a duração das entrevistas ultrapassou o estipulado ou não o alcançou. No dia da entrevista de Carmem, por exemplo, entrevistas posteriores tiveram que ser desmarcadas, afim de que todas as suas histórias fossem capturadas com a máxima dedicação possível.

As informações privilegiadas que a entrevista compreensiva traz para a pesquisa faz com que cada vez mais se utilize técnicas qualitativas. Para Lalanda (1998, p.872-873), “o contacto directo do sociólogo com os actores não anula o distanciamento que a ciência exige. Antes transforma a recolha de informação numa experiência que humaniza a própria investigação, ou seja, proporciona ao investigador a possibilidade de ver por dentro, tomando uma dupla posição de observação: a de investigador e a do próprio actor”. Levando em consideração meu contato com os idosos entrevistados, me utilizo dessa abordagem entendendo que é a melhor possibilidade de potencializar e utilizar de forma benéfica a riqueza da relação já instaurada entre mim e os idosos.

Lalanda (1998, p.874), faz referência a N. Mayer, discorrendo sobre duas condições que o entrevistador não pode esquecer. Uma delas diz respeito à ética

resumida à atitude básica da compreensão: Saber estar disponível para o outro, olhando-o de forma diferente. E a outra ao caráter cognitivo, que exige de quem entrevista o conhecimento sobre o meio em que realiza o trabalho, colocando então um olhar crítico sobre essa realidade. Neste aspecto, as entrevistas feitas com os idosos ganharam muita força, já que estou em contato com a realidade destes idosos desde 2015, ano em que comecei a ministrar oficinas no SCFV. Além disso, nasci e cresci em um lugar muito próximo territorialmente de onde esses idosos vivem.

Segundo Bosi:

A relação do sociólogo com o entrevistado deverá transformar-se, durante a entrevista, numa relação de confiança, o que pressupõe certa familiaridade com a população em estudo. Mas não se trata de criar intimidade com a pessoa em causa, o que em muitos casos provoca efeitos negativos, limitando quer a espontaneidade do entrevistado, quer a própria capacidade do entrevistador de se deixar surpreender. (Bosi, 1998, p.874)

Antes de realizar as entrevistas, muito me questionei sobre a relação de confiança e também de intimidade, dado que a construímos durante as oficinas de contação de histórias. Não era possível prever o quanto esse aspecto contribuiria ou não nas gravações. De fato, eu sabia que meu contato direto com o grupo permitiria que os idosos se abrissem mais, mas ao mesmo tempo parecia que a expectativa deles era de que eu esperava alguma história específica que já haviam me contado, ou que eu já soubesse suas histórias e, por isso, não precisassem discorrer sobre elas de forma clara.

Ao trabalhar com psicólogos e assistentes sociais, os usuários (como é chamado quem usufrui dos serviços de assistência social) confundem os papéis e passam a acreditar que osicineiros sabem de todas as questões que os trazem a um atendimento individual. Embora seja verdade que sabemos muito sobre eles, geralmente essas descobertas acontecem na interação das oficinas, a partir do que os grupos trazem para nósicineiros. A maioria dos relatos pormenorizados não chega até as oficinas, a não ser que algo esteja influenciando diretamente na relação do usuário com o grupo ou no seu processo de desenvolvimento.

Em um dos intervalos das gravações, Fanael², me disse o seguinte: “– Parece que os idosos acham que a gente conhece as histórias deles, né? Como se estivessem perguntando se a gente quer que eles contem *aquela* história agora”. Refleti sobre sua fala e sobre as tantas outras histórias não contadas por não ser *aquela* história. Porém, para mim isso faz parte do processo de identificação vivenciado por eles. Há razões por terem em mente algumas histórias específicas, pois de alguma forma eles escolheram essas histórias como as mais significativas para sua constituição como ser social, de alguma forma consideram essas histórias importantes para a compreensão de quem são. “Contar-se é também olhar-se e identificar momentos marcantes de transição e mudança.” (Lalanda, 1998, p. 875)

Para essa pesquisa, foram escolhidas 5 entrevistas das 15 realizadas com idosos do grupo. Todos os participantes são moradores de Esteio e usuários dos CRAS, integrando grupos diferentes de contação de histórias. Celina, Janete e Luiz Alberto são integrantes do grupo do CRAS Conviver, e Carmen e Terezinha do grupo do CRAS Território de Paz. Todos eles têm idade acima dos 59 anos. Suas histórias de vida foram recolhidas através de uma entrevista gravada.

De certa forma, foi a capacidade de me *deixar surpreender*, apontada por Bosi (1998), um dos critérios adotados para a escolha das entrevistas que constituem este trabalho. Ouvir pessoas já tão conhecidas para mim, falando de acontecimentos completamente desconhecidos, traumáticos, fortes e delicados me trouxe sentimentos inesperados, o que me fez emocionar e até mesmo relacionar as narrativas com a forma que os idosos se colocam nas oficinas. As histórias que constituem o documentário são as que mais me tocaram e me possibilitaram compreender melhor tal indivíduo na oficina e para além dela. Ainda, essas entrevistas foram as que mais me fizeram questionar sobre como a licenciatura em Teatro auxilia os encontros com esses idosos, tornando possível que eles se deem uma nova chance e me deem uma chance de ressignificar vidas que são tão duras e marcadas.

²Fanael Golzaves é amigo da pesquisadora e sua produtora FGB produções, foi contratada para a filmagem e produção do documentário. Higor e Natasha são sobrinhos de Fanael e fazem parte da sua equipe, auxiliando nas gravações.

Capítulo III

- Que é isso? - perguntou Harry, trêmulo.

- Isso? Chama-se Penseira, às vezes eu acho, e tenho certeza de que você conhece a sensação, que simplesmente há pensamentos e lembranças demais enchendo minha cabeça.

- Hum – fez Harry, que não podia realmente dizer que já tivesse sentido nada igual.

- Nessas ocasiões – continuou Dumbledore indicando a bacia de pedra – uso a Penseira. Escoo o resto de pensamentos da mente, despejo-os na bacia e examino-os com vagar. Assim fica mais fácil identificar padrões e ligações, quando estão sob esta forma.

J.K. Rowling – Harry Potter e o Cálice de Fogo

Análise das entrevistas

Esse capítulo discorrerá sobre as entrevistas selecionadas e traçará relações entre a oficina de contação de histórias e ideias que englobam os estudos dos autores Paulo Reglus Neves Freire (filósofo e pedagogo), Augusto Pinto Boal (teatrologista), Viola Spolin (professora e teatrologista) e Eclea Bosi (professora e psicóloga).

A primeira entrevista que realizei foi com Carmem, e ocorreu no dia 21 de outubro de 2017. Marcamos na casa dela, às 8h. Neste dia eu teria mais outras duas gravações na parte da manhã. Chegamos e ela já estava nos esperando, avisou que havia dormido pouco, pois tinha saído na noite anterior e chegado em casa somente pelas 4h da manhã. Falou isso com aquele ar de adolescente que vai às suas primeiras festas com os amigos e logo se justificou: “Mas me trouxeram em casa bem direitinho, todo mundo é legal lá”.

Carmem escreve poemas, e, durante a entrevista, ela contou que começou a escrever a partir do projeto “Resgatando histórias”, aplicado pela ONG Cataventus nos grupos de idosos do CRAS, no ano de 2015. Foi esse mesmo projeto e a vontade de fazer uma releitura da proposta, até mesmo por compreender que a memória não é um resgate, mas uma vivência daquele momento, do aqui e agora, que impulsionou o livro “Memórias: de lá pra cá”, que construí com um dos grupos do SCFV.

No início da entrevista, ela se apresenta e faz uma introdução sobre quem é, e explica sua relação com o CRAS – sem que eu tenha pedido isso. Ela fala que procurou ajuda após seu marido falecer, quando entrou em um processo de depressão. Além disso, ela conta que, partir daí, começou a participar dos grupos e que sua vida melhorou muito desde então. Passado alguns minutos da entrevista, perguntei se ela queria mostrar seus poemas, já que tudo o que ela traz são sobre eles. Ela então pega seus poemas e daí em diante não os larga mais. Para Carmem, a vida é seus poemas, segundo ela: “São uma cura para minha alma”.

No decorrer de várias leituras, ela pega um poema dizendo que queria ler para nós, já que éramos atores e que a inspiração para ela ocorreu no ano de 2016,

quando eu os levei para assistir a peça *Platônico: a reabilitação*, no Projeto Teatro, Pesquisa e Extensão (TPE)³ da UFRGS. O poema era esse:

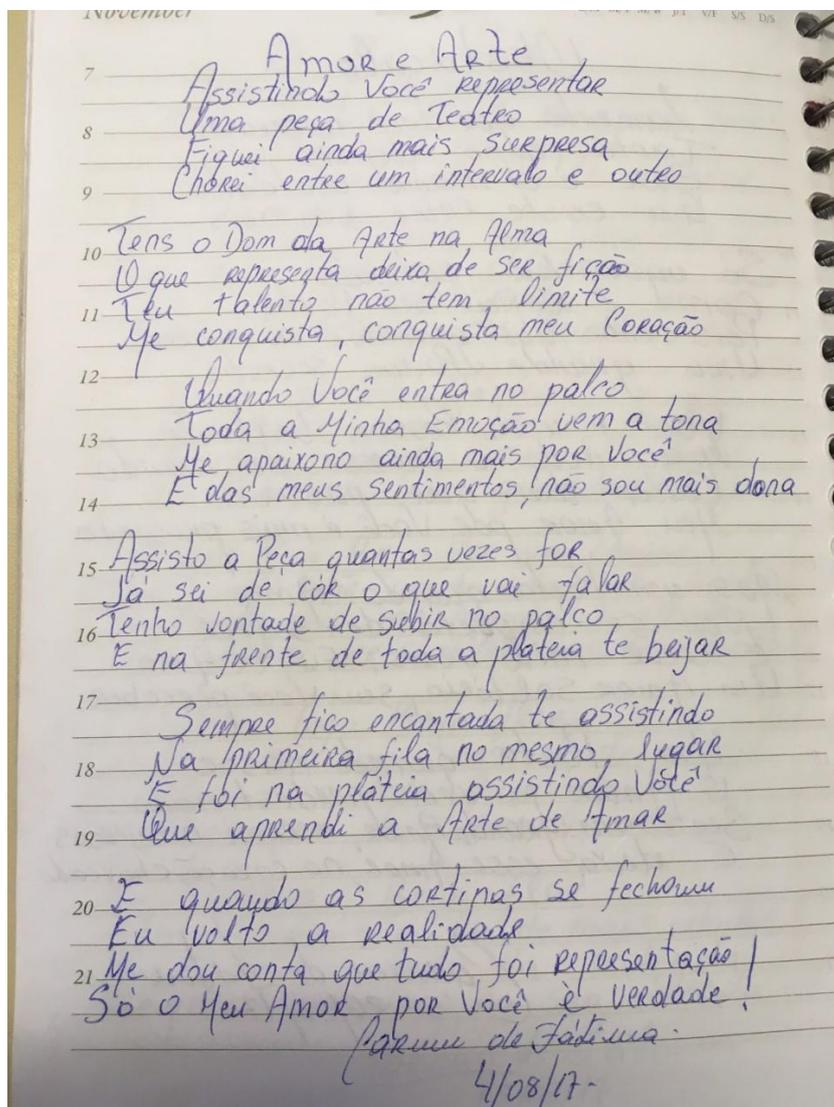


Figura 2- Foto do poema "Amor e Arte".

"Amor e Arte
 Assistindo você apresentar
 Uma peça de teatro
 Fiquei ainda mais surpresa
 Chorei entre um intervalo e outro

 Tens o dom da arte na alma
 O que representa deixa de ser ficção
 Teu talento não tem limite
 Me conquista, conquista o meu coração

 Quando você entra no palco
 Toda minha emoção vem à tona
 Me apaixono ainda mais por você
 E dos meus sentimentos não sou mais dona

 Assisto à peça quantas vezes forem
 Já sei de cor o que vai falar
 Tenho vontade de subir no palco
 E na frente de toda plateia te beijar

 Sempre fico encantada te assistindo
 Na primeira fila no mesmo lugar
 E foi na plateia assistindo você
 Que aprendi a arte de amar

 E quando as cortinas se fecham
 Eu volto a realidade
 Me dou conta que tudo foi representação
 Só o meu amor por você é verdade!

 Carmem de Fátima – 04/08/17"

Fiquei surpresa ao ouvi-la, ela sempre me mostra muitos poemas e esse eu nunca havia escutado. Ela comentou que, durante a feira do livro, houve uma apresentação de teatro que a fez lembrar-se da peça que fomos assistir com o grupo e, por isso, ela resolveu escrever esse poema. Ela cita que a ida à UFRGS foi também a primeira ida ao teatro na vida dela e que aquele momento foi muito marcante e muito bonito. Quando ela fala sobre esse momento, vêm à minha cabeça as lembranças daquele dia.

³O projeto existe há 14 anos e é responsável pela exibição das pesquisas e das produções cênicas realizadas pelos alunos do Departamento de Arte Dramática do IA/UFRGS.

Eu havia planejado este passeio com bastante antecedência (assim como tudo que ocorre no SCFV deve ser planejado com antecedência). Fiquei aguardando o resultado de quais peças estariam em temporada no TPE daquele ano, conversei com amigos para que opinassem em qual peça seria mais interessante levar o grupo de idosos, solicitei um ônibus para o transporte e lanches para o grupo. Eu sabia que a maioria dos idosos nunca havia ido ao teatro e também sabia o quanto uma primeira experiência ruim pode afastar de vez uma pessoa de algo. Eu queria que desse certo, queria que se apaixonassem como um dia me apaixonei.

A peça falava sobre pessoas que são internadas para curar seu amor platônico, tudo em um tom leve e divertido. Havia a exposição de relações homossexuais e eu fiquei apreensiva pela reação do grupo. Quando a peça terminou, todos estavam dando muitas risadas, se divertindo, me chamando para falar o que mais gostaram e falando sobre o casal homossexual, achando divertido ter acontecido um beijo em cena. Lembro que um único idoso não gostou de ter visto o beijo, mas a reação dos outros fez com que ele repensasse o que tinha sentido com a cena.

Foi um grande acontecimento, todos os idosos do grupo ficaram querendo mais: mais idas ao teatro, mais apresentações de teatro deles. O grupo se inspirou e discutiu sobre o quanto deve ser difícil ser ator, ensaiar, decorar todo aquele texto e ter “aquela” desinibição. Percebi, naquele momento, o quanto nossas escolhas continuam reverberando através do tempo. A escolha de levá-los para assistir àquela peça não só trouxe estímulos para a oficina de contação de histórias, para nossas criações e apresentações, mas também trouxe inspiração para um poema e virou assunto durante a entrevista para meu trabalho de conclusão de curso.

Esse episódio também me fez refletir sobre o quanto nós, educadores, temos que estar comprometidos com aquilo que fazemos, precisamos estar cientes das nossas escolhas – O que não significa que não podemos fazer escolhas erradas, mas sim que estaremos atentos e dispostos a melhorar a cada nova experiência educacional.

Paulo Freire, em seu livro *Pedagogia da autonomia* (1996), aborda a relação do educador com seus educandos, falando sobre a autonomia necessária para se construir um espaço de real aprendizado de ambas as partes. Para ele “o respeito à

autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros.” (Freire, 1996, p.66).

Freire (1996), fala que “ensinar exige comprometimento” (p.108), “entender que a educação é uma forma de intervenção no mundo” (p.110) e “tomada consciente de decisões” (1996, p.122). Para o autor, um bom educador é consciente de que tudo o que ele faz gera algo nos educandos e assim, ele deve estar comprometido, refletindo sobre seu papel como educador e sobre suas escolhas.

Neste episódio de ida ao teatro, foi possível perceber o quanto cada ação educacional intervém no mundo. E sobre a responsabilidade que temos como educadores, a cada encontro, cada proposta. Quando sugeri a ida ao teatro, não podia imaginar que mexeria tanto com os idosos e comigo, transformando nossa oficina e a forma como pensamos também. Freire, resume: “Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor.” (1996, p.47)

Durante toda entrevista de Carmem, ela faz questão de falar sobre a relação dela comigo, sobre o quanto gosta de mim e em um determinado momento diz “ela não é só minha professora, ela é minha amiga”. Quando pergunto se ela gostaria de escolher algum poema para finalizarmos a gravação, ela prontamente diz que sim. Mais além, ela conta que, na verdade, ela tem dois poemas que gostaria de ler para finalizar, pois não poderia perder a oportunidade de deixá-los gravados. Ela pega os poemas que estão separados em outro caderno e diz que ambos têm o mesmo nome e que foram homenagens feitas para mim: “O primeiro se chama Samanta e o segundo se chama Samanta também”.

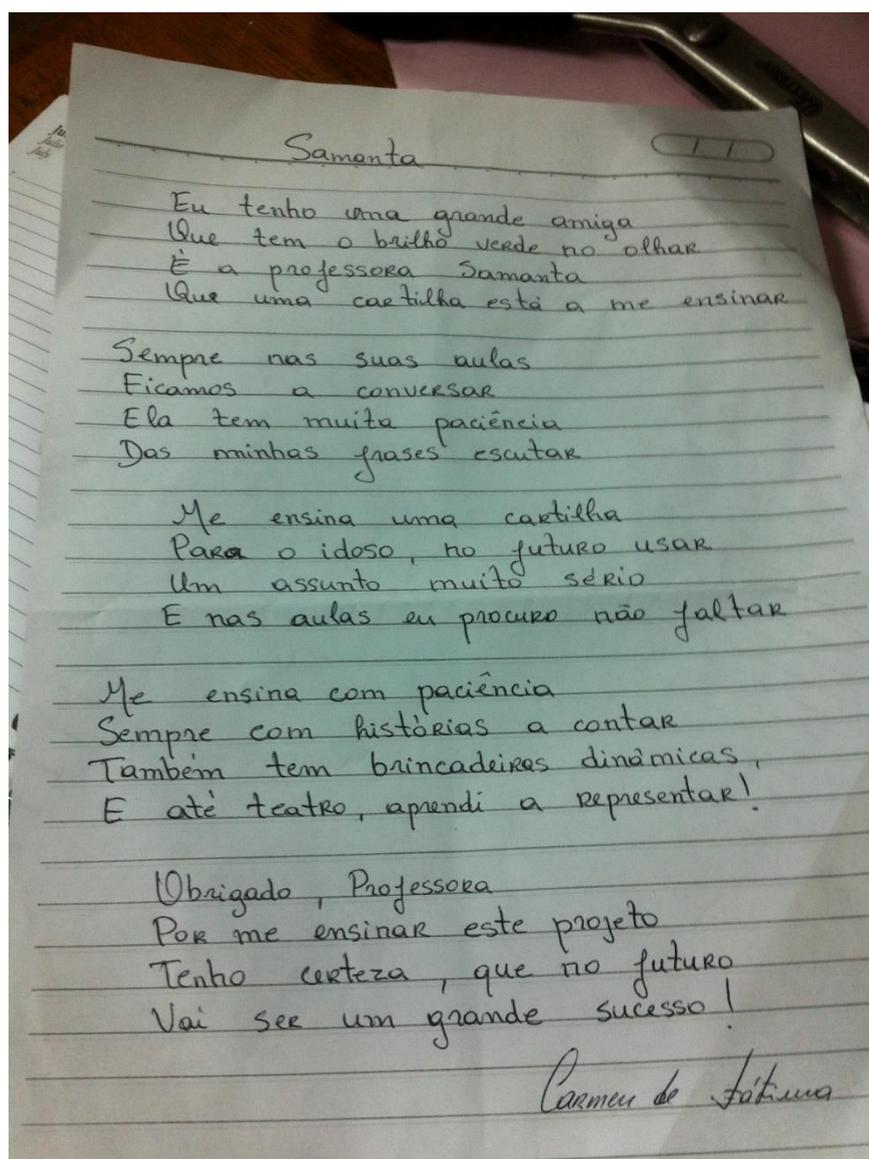


Figura 3- Foto do primeiro poema nomeado "Samanta".

"Samanta

Eu tenho uma grande amiga
Que tem o brilho verde no olhar
É a professora Samanta
Que uma cartilha⁴ está a me ensinar

Sempre nas suas aulas
Ficamos a conversar
Ela tem muita paciência
Das minhas frases escutar

Me ensina uma cartilha
Para o idoso, no futuro usar
Um assunto muito sério
E nas aulas eu procuro não faltar

Me ensina com paciência
Sempre com histórias a contar
Também tem brincadeiras dinâmicas
E até teatro, aprendi a representar!

Obrigada, professora
Por me ensinar este projeto
Tenho certeza, que no futuro
Vai ser um grande sucesso!
Carmem de Fátima"

⁴ Referência à Cartilha do estatuto do idoso, projeto executado na oficina de contação de histórias em 2016 e 2017, onde o grupo do CRAS TP produziu uma cartilha simplificada do estatuto e cenas de teatro para facilitar a compreensão sobre as leis.

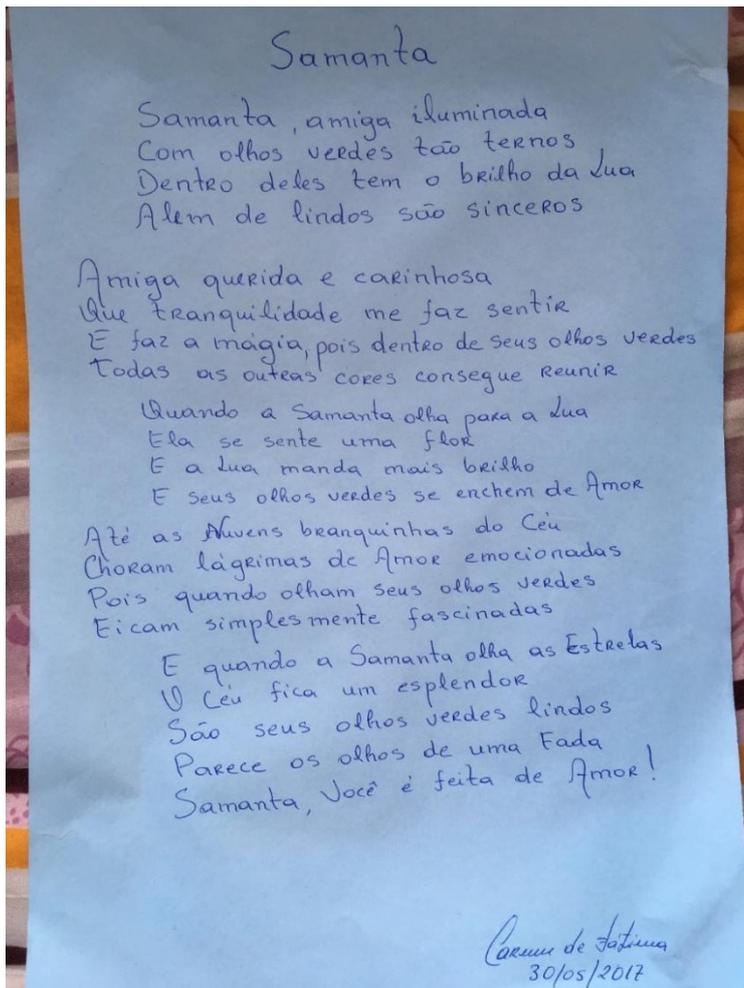


Figura 4- Foto do segundo poema nomeado "Samanta".

Eu já conhecia os poemas, pois ela já havia me surpreendido lendo-os durante nossa oficina. Mesmo assim me emocionei, agradeci, e nossa entrevista gravada encerrou ali, depois de uma hora e meia de conversa e meu evidente atraso para as outras entrevistas. Claro que, com as câmeras desligadas, a entrevista seguiu com mais um bom tempo de conversa, em que eu a sentia ainda mais solta, me contando sobre os detalhes dos eventos que iria ver na Feira do Livro.

“Samanta
Samanta, amiga iluminada
Com olhos verdes tão ternos
Dentro deles tem o brilho da lua
Além de lindos são sinceros

Amiga querida e carinhosa
Que tranquilidade me faz sentir
E faz a magia, pois dentro de seus olhos verdes
Todas as outras cores consegue reunir

Quando a Samanta olha para a lua
Ela se sente uma flor
E a lua manda mais brilho
E seus olhos verdes se enchem de amor

Até as nuvens branquinhas do céu
Choram lágrimas de amor emocionadas
Pois quando olham seus olhos verdes
Ficam simplesmente fascinadas

E quando a Samanta olha as estrelas
O céu fica um esplendor
São seus olhos verdes lindos
Parece os olhos de uma fada
Samanta, você é feita de amor!

Carmem de Fátima – 30/05/2017”

Receber poemas como os de Carmem, ou até mesmo borboletas de crochê (inspiradas nas borboletas que ela usa de personagem nos seus contos), flores e outros agrados que recebo durante os encontros de vários idosos, não só me faz sentir acariciada, mas também revela um pouco sobre essa relação produzida por oficinaira e oficinandos. Revela que minha busca por uma relação menos burocrática e mais humana é acolhida pelos idosos do SCFV. Freire aponta:

Como ser educador, se não desenvolvo em mim a indispensável amorosidade aos educandos com quem me comprometo e ao próprio processo formador de que sou parte? Não posso desgostar do que faço sob pena de não fazê-lo bem. (Freire, 1996, p.75)

Não consigo me colocar em outra posição que não a descrita por Freire, pois não acho possível ser educadora sem o real envolvimento, sem me interessar verdadeiramente pelo o que vem dos idosos e eles pelo que vem de mim. Isso, certamente, muito tem a ver com o trabalho no teatro, a forma como nos doamos e acolhemos durante um processo, o quanto a relação que temos com o outro é importante para o sucesso de uma peça, o quanto nossas questões pessoais sempre vão interferir no grupo todo – afinal faz parte de quem somos tudo que nos constitui, e devemos levar tudo em consideração ao criarmos nossa relação com o outro.

Neste sentido, lembro do final da entrevista de Celina, que não é do mesmo grupo de Carmem. Ela diz “Eu acho que só consegui falar tudo isso porque confio em ti”, e, quando ela diz que confia em mim, não se refere só a Samanta oficinaira de contação de histórias, se refere à Samanta ser humano. Não há como dissociar uma coisa da outra.

Paulo Freire, em seu livro *Pedagogia da autonomia* (1996), fala sobre o quanto ensinar exige ética. A ética está em vivermos aquilo que ensinamos, ou, no meu caso, ensinar através da forma que vivemos. Eu não conseguiria ser diferente do que sou, bater o ponto após as oficinas e esquecê-las. Os idosos fazem parte da minha vida, e eu como educadora estou comprometida com eles, assim como eles estão comigo.

Há sim uma linha tênue entre o que é pessoal e o que é profissional, mas uma parte sempre vai respingar na outra. E quando se é arte-educadora, é mais difícil encontrar os limites do profissional e pessoal. Quando se lida com vidas já tão machucadas e abandonadas, não é possível ser indiferente. Talvez um dos grandes

aprendizados de uma educadora seja o de compreender onde está este limite – o que só vamos descobrir na experiência da prática.

Esta linha tênue entre o pessoal e o profissional, bem como a relação de educadora com os educandos tem muito a ver com o trabalho de grupo do teatro, que é, provavelmente, um dos grandes aprendizados de vida que levo para minha prática como educadora. Em uma entrevista à Josette Féral, Ariane Mnouchkine, diretora e fundadora do *Théâtre du Soleil*, em Paris, fala sobre a importância do grupo no teatro, apontando a inviabilidade de se fazer teatro sem a relação do grupo:

É preciso saber também que no teatro não se faz nada sozinho, que tudo é dado pelo outro. Que não se faz nada se não souber escutar, que não se faz nada sem receber. Que é sempre muito difícil saber, num espetáculo, quem deu o quê, de onde veio o quê. (Féral, 2010, p. 139)

Enrique Pinchon-Rivière, em seu livro *Teoria do Vínculo* (1988), define grupo como:

Entende-se por grupo um conjunto de pessoas movidas por necessidades semelhantes e se reúnem em torno de uma tarefa específica, um objetivo mútuo, onde cada participante é diferente e exercita sua fala, sua opinião, seu silêncio, defendendo seu ponto de vista. E neste grupo o indivíduo constrói sua identidade introjetando o outro dentro de si. (PINCHON-RIVIÈRE, 1988, p.63)

Neste sentido, percebo que minha experiência com o trabalho de grupo no teatro, tanto no meio acadêmico como fora dele, influenciou meu posicionamento em relação aos grupos de idosos. Para mim, a construção do vínculo foi imprescindível ao bom andamento de meu trabalho, pois buscava uma relação de confiança, respeito e honestidade que vai ao encontro do que Freire defende para a ação pedagógica.

Os jogos teatrais foram – e ainda são -- importantíssimos para construir uma relação de proximidade e um espaço de confiança. Utilizar jogos com pessoas que em sua maioria nunca haviam assistido teatro foi desafiador, mas ao mesmo tempo muito enriquecedor. Ter que adaptar os jogos já tão conhecidos de Augusto Boal e Viola Spolin para a realidade do grupo de idosos me obrigou a pensar, criar, arriscar.

Para Spolin, os jogos são como uma “forma natural de grupo que propicia o envolvimento e a liberdade pessoal necessários para a experiência.” (2010, p.4). Foi a partir dos jogos que os idosos passaram a se reconhecer como grupo, a dissolver

os conceitos de certo e errado e a entender diferenças, como no conceito de *aprovação/desaprovação* colocado por Spolin como o terceiro aspecto da improvisação teatral, em que no decorrer da experiência com os jogos improvisacionais, os jogadores se desprendem dos julgamentos e dicotomias, arriscando e experimentando. Além disso, através dos jogos, surgiram os encontros com as memórias e a segurança para as histórias compartilhadas.

Ryngaert, defende que “o jogo coloca-se acima do teatro e acima da terapia, como uma experiência sensível fundadora do desenvolvimento do indivíduo em sua relação com o mundo no âmago do campo cultural.” (Ryngaert, 2009, p.41). Assim, o jogo não agiu como uma forma de psicodrama nas oficinas, mas sim como uma forma de cada indivíduo se colocar no mundo e mais precisamente na oficina, sem julgamentos de si e do outro, podendo, inclusive, criar novas possibilidades e refletir sobre sua realidade – o que era fundamental para pessoas com histórias de vida tão fortes.

O jogador é aquele que “se experimenta” multiplicando suas relações com o mundo. Numa perspectiva de formação, a aptidão para o jogo é uma forma de abertura e de capacidade para comunicar. Ela desenvolve a conscientização de novas situações e um potencial de respostas múltiplas, ao invés de um recuo a terrenos familiares e da aplicação sistemática de estruturas preexistentes. (RYNGAERT, 2009, p.61)

A técnica de teatro imagem proposta por Augusto Boal em sua metodologia de *Teatro do Oprimido*, contribuiu muito para trabalhar em cima de possibilidades novas, para trazer reflexões sobre temas que geralmente geram polêmica, como questões de gênero, raciais, tecnologias – principalmente com grupos que tiveram uma educação mais conservadora e discriminatória.

Em sua obra *Jogos para atores e não-atores* (2008), Boal mostra que é muito difícil esperar que tenhamos reações diferentes ao fazer teatro se nosso corpo e nossas emoções já estão mecanizadas por toda uma vida. Ele questiona: “Que é o secretário senão uma pessoa (de direita ou de esquerda) que mecanizou todos os seus pensamentos e todas as suas respostas? Mesmo diante de fatos novos, reage de velhas maneiras, hábitos antigos.” (Boal, 2008, p.61).

Dessa forma, as técnicas de teatro imagem utilizando a imagem real e a imagem ideal, possibilitaram uma abertura ao debate, a compreensão e desconstrução do que os idosos construíram como pensamento ao longo da vida.

Os exercícios de memória e imaginação propostos por Boal foram pontos fundamentais para o trabalho com as memórias dos idosos. Adaptações feitas da técnica trouxeram aos encontros momentos de reencontros profundos, de atenção às sensações, às emoções e aos pequenos detalhes, em uma quase meditação-regressão, exercitando nos idosos a capacidade de lembrar e dando espaço para isso.

Na tarde do dia 07 de outubro de 2017, antes de ir à casa de Celina, a entrevistada de que falarei a seguir, havia ido à casa de dona Gema, que não foi colocada no documentário, para a entrevistá-la. As duas moram muito perto, sendo possível fazer o trajeto entre os dois lugares a pé. Ao chegar à casa de Celina, encontrei uma realidade social contrastante com a que observei ao visitar a casa de dona Gema, como se os poucos minutos caminhando tivessem magicamente me transportado para outro mundo. Tão perto e tão distante.

Bato palmas e logo aparece Celina, com um olhar calmo e um sorriso acolhedor. Ela já vai abrindo a porta de casa e o portão, enquanto nos pede para entrar, com a velha frase de recepção “vão entrando, só não reparem a bagunça”. Ao entrar em sua casa, percebo outra mulher no ambiente, com traços muito parecidos com os dela. Em seguida, Celina nos apresenta: é sua irmã. Curiosa, sua irmã observa a montagem do equipamento e parece inquieta. Após alguns minutos, ela decide ir embora para “não atrapalhar”. As duas irmãs se despedem, algumas combinações sobre conversarem mais tarde e a irmã de Celina vai embora pelos fundos da casa, de forma a evitar passar perto dos fios da câmera e da luz.

Após esse momento, a entrevista começa e segue com uma entrega que eu não esperava, pois não conhecia as memórias de Celina. Ela estava há menos tempo no grupo, era quieta e há pouco tempo vinha se expandindo e se mostrando mais em suas falas durante os encontros.

Celina respondeu a pergunta “O que é a vida?” dizendo “A vida, pra mim, quer dizer família”. A partir dessa informação, ela começou a discorrer sobre a sua relação com a família e contou que é feliz mesmo tendo perdido um filho. Ela também falou sobre sua família de origem, embora tenha dito que sua vida só começou quando construiu sua própria família. Ainda, Celina falou sobre o pai e sua mágoa pelo fato de ele tê-la dado a uma família para trabalhar. Após isso, ela questionou o porquê de fazer filhos se não há o intuito de cuidar deles.

Após discorrer sobre as dificuldades da vida e o processo de depressão que entrou, ela conta que entrou no CRAS e diz “não sei como eu estaria em casa se não tivesse o grupo pra não ficar em casa, sabe? Pensando, sofrendo, chorando. E lá muita coisa boa tem acontecido comigo”. Mais adiante, ela enfatiza que sua entrada no grupo aconteceu após a morte de seu filho e que nessa época ela estava muito mal em casa.

Percebi o quanto a relação pai/mãe e filhos é importante para ela e principalmente a história do filho que ela perdeu. Então perguntei a ela se queria falar sobre esse filho, ela ficou em silêncio por um tempo e respondeu “é, até acho que é bom eu falar”.

Ela contou sobre o seu filho que morreu de HIV, mas ela não informa isso de uma vez. É visível o quanto o seu desabafo vem junto com uma autoavaliação sobre si e sobre sua história, quase que a revivendo naquele momento, mas agora como um personagem que olha de fora.

Celina começou falando sobre ela mesma como mãe e depois de sua relação como filho, a dificuldade que os dois tinham em se entender, o que culminou na tardia descoberta de sua doença, quando já era tarde para poder ajudar. Ela contou como foi a morte dele, dizendo que pensa muitas vezes que poderia ter feito mais como mãe, pois os filhos precisam das mães mesmo quando são adultos e que isso é o que faz perder o sono às vezes e se cobrar ou sentir culpa. Ao mesmo tempo em que ela falava que não havia o que fazer em relação à doença e que ela tentou ajudá-lo, mas o filho não permitiu, ela demonstrava estar refletindo sobre todos os acontecimentos no momento em que me contava.

No decorrer de uma história tão pesada, ela falou sobre os grandes aprendizados que teve. Em suas reflexões, ela discorreu sobre o julgamento que fazia do filho por achá-lo muito agressivo, e concluiu que talvez isso se desse por estar sofrendo sozinho escondendo sua doença. Indo além, Celina falou sobre a necessidade de cuidar uns dos outros ao invés de apenas querer ser cuidada. De dar importância para as pessoas e não deixar as coisas para depois. Por fim, falou sobre sua busca em dar a volta por cima e ressignificar sua vida. Fala da sua família e o quanto ela tenta fazer por eles o que acha que não fez pelo seu filho.

A entrevista com Celina não durou mais que 40 minutos, mas foi de uma profundidade que alcancei poucas vezes na vida. Mergulhei profundamente na sua

história ao passo em que observava o olhar de Celina, sua fala com pausas de quem estava sentindo, pensando, elaborando, revivendo, a calma com que falava. Fui arrebatada.

Como ela me deu a chance de fazer parte da sua vida? Senti-me tão pequena em relação a tudo aquilo. Fiquei pensando na oficina de contação de histórias e em qual era o real significado dela. Senti que eu fazia pouco, um sentimento que sempre volta a mim. Porém, ao mesmo tempo, me senti grata ao teatro e a vida por me possibilitarem dividir minha rotina com aqueles idosos. Me senti grata em saber que para eles o que fazemos é importante, assim como é para mim. Sinto que eles têm tanto mais a dar do que eu tenho para oferecer, mas talvez eles queiram isso mesmo, alguém disposto a receber.

Freire, afirma: “Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.” (Freire, 1996, p.25)

Como educadora, devo me colocar na posição de educanda, disposta não só a ensinar, mas mais ainda a aprender. Sinto que isso ganha ainda mais significado quando falamos do trabalho com idosos, afinal são pessoas que tiveram muitos anos de experiência em relação à vida.

Ao finalizar a gravação, fui abraçá-la e falei algumas coisas, não mais como entrevistadora. Tive que sair desse papel por alguns segundos, pois a face Samanta ser humano e Samanta oficinaira do grupo, embora sempre presente na entrevista, precisava agir mais efetivamente naquele momento. Recebi como resposta “eu só consegui falar essas coisas porque confio em ti”. Refleti sobre minha ligação com ela, minha relação com o *dever* professora, minha inédita posição de entrevistadora. Pensei em como tudo isso se mistura e torna possível aquele momento que só aconteceu daquela forma pela relação que já existia e pela relação que era novidade naquele momento.

Deixei a casa de Celina anestesiada, sem saber como reagir a tudo o que ouvi, à profundidade do que aconteceu ali. Eu olhava para meu amigo tentando encontrar nele as palavras que me faltavam para descrever o que havia acabado de experienciar. Ele, como sempre, estava sorridente e tranquilo, só me olhava como quem entendia que tinha sido um grande momento para mim. Tentei balbuciar

algumas palavras, e lembro-me de apenas conseguir dizer “O que foi isso?!” e “Eu não sabia muito dela.”. Tive que engolir minhas sensações e me concentrar na parte prática, pois tínhamos outra gravação marcada e já estávamos atrasados.

Jorge Larrosa Bondía aponta que “a experiência é o que nos passa, ou o que nos acontece, ou o que nos toca. Não o que passa, ou o que acontece, ou o que toca, mas o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca.” (Larrosa, 2002, p.21). Ao analisar essa experiência pelo viés da definição de experiência de Larrosa, observo que a entrevista com Celina me trouxe uma aprendizagem muito diferente das conquistadas nos espaços acadêmicos. Atrevo-me a dizer, inclusive, que essa experiência foi até mais importante que muitas outras na minha construção pedagógica.

No dia 20 de outubro de 2017, gravei mais uma sequência de entrevistas, dessa vez no espaço do CRAS Conviver. Levando em consideração o fato de que alguns idosos que se sentiriam mais confortáveis dessa forma ou não poderiam me receber em suas casas.

Neste dia, aconteceu a entrevista com Janete. Sempre muito ativa, Janete é a porta-voz oficial do grupo de idosos do CRAS Conviver, faz parte da presidência do conselho do idoso e está sempre muito engajada na luta pela garantia dos direitos dos idosos. Confesso que nem sempre foi tranquilo para eu trabalhar com ela, pois seu posicionamento firme e seu papel de influenciadora faziam com que eu temesse a todo tempo sua desaprovação. Ser desaprovada por Janete era a certeza de uma aula que deu errado. Aos poucos, o restante do grupo de idosos foi se empoderando também e trazendo opiniões diferentes das de Janete, ao passo que eu também fui perdendo meu medo de não ser aprovada, o que nos levou a construir um espaço de debate cada vez mais rico.

No encontro do grupo de idosos que ocorreu dois dias antes de eu escrever esse capítulo, no dia 16 de novembro de 2017, falávamos sobre a semana da consciência negra e Janete foi a primeira a dar sua opinião após assistirmos o documentário *Manifesto Porongos*, feito por um grupo de hip hop de Esteio. Sua opinião forte e um pouco contrária ao hip hop, e suas manifestações me deixaram preocupada com o rumo que a conversa poderia tomar, mas decidi não interferir, aprendizado que conquistei durante esses quase três anos trabalhando com os grupos. A segunda pessoa a falar foi Luiz Alberto (que também está neste trabalho e

de quem falarei a seguir), trazendo um ponto de vista discordante do de Janete. Os dois são negros, mas trouxeram duas visões diferentes sobre o mesmo tema. A partir daí começaram a surgir inúmeras histórias sobre segregação racial e o grupo engatou um grande debate.

Janete coloca sua opinião, articula projetos, questiona e quer que o restante do grupo se contagie e faça o mesmo, seja concordando ou discordando dela. Ela está sempre em movimento e incita esse movimento no resto do grupo.

Quando Bosi analisa histórias coletadas, a autora fala sobre as diferentes escolhas feitas por cada um dos velhos entrevistados e coloca: “Penso que os fatos que a memória de d. Jovina selecionou – o primeiro livro, o primeiro filme, o primeiro movimento de rua – são ordenados pelo *hoje*. Sei que ela é, acima de tudo, uma mulher de ação, e foi desde sempre.” (Bosi, 1994, p.412).

Neste mesmo sentido, percebo que as memórias narradas por Janete durante a entrevista muito tem a ver com *a mulher de ação que ela é e foi desde sempre*. Sua fala carrega as aventuras vividas ao longo dos seus 69 anos e as que ainda pretende viver. Janete falou sobre como na infância não tinha perspectiva de futuro por ter nascido no interior do Rio Grande do Sul. Ela contou que sempre ouvia no rádio a música *São Paulo é terra boa, é terra da garoa*⁵, e que queria muito conhecer essa cidade tão boa e descrita como a terra da garoa. Por isso, fugiu de casa.

Ela fala de sua fuga como uma libertação para conquistar tudo o que sonhava, para desbravar o mundo e se reconhecer neste mundo. Entretanto, também fala que não foi nada fácil, pois passou por momentos em que não teve o que comer e que era muito complicado estar em um lugar onde ninguém a conhecia.

Ela engravidou em São Paulo e, pelo o que conta, o pai não assumiu a criança. Janete estava sozinha, com uma criança, e tinha que correr atrás do sustento de ambas. Em sua fala, ela demonstra que uma das suas maiores dificuldades era ter de deixar sua filha com algum estranho para poder trabalhar. Nem assim ela voltou para sua família: foram 16 anos sem dar nenhuma notícia.

Após outras aventuras, como a tentativa de cursar Biomedicina em uma universidade, Janete acabou encontrando seu irmão, que foi estudar Teologia no estado, o que a fez retomar o contato com a família e voltar para Cruz Alta, sua

⁵Música “Êh São Paulo”, composta por Alvarenga e Ranchinho.

cidade natal. Embora tenha ficado feliz com o reencontro e ter sido acolhida por seus pais e irmãos, ela coloca que se sentia presa, depois de toda a liberdade que teve.

Janete diz que, embora as pessoas não façam ideia, nem sempre ela foi bem aceita e que a alegria que ela passa extravasa o que gostaria de ter tido em relação ao lugar em que ela nasceu. A partir disso, ela fala sobre o preconceito que sofreu por parte do restante da família e dos vizinhos. Janete conta que era tratada como uma má influência por ser solteira e ter uma filha, o que a fazia não poder andar sozinha e ter direito de apenas sentar à mesa *dos velhos*, como coloca.

Ao falar sobre o que é a vida, ela coloca: “Dentro desse ciclo de vida, eu elogio muito a mulher, que tem essa capacidade de gerar uma vida”. É possível perceber a luta dela como mulher em uma sociedade onde a mulher pouco tem espaço e escolha, e naquela época em que fugiu de casa, tinha menos ainda. Em sua fala, Janete não está levantando bandeiras ou fazendo discursos, está mostrando através de sua história, talvez até sem perceber, a forma que combateu o que a sociedade empunha à mulher e ainda hoje impõe, só que agora em relação à mulher e a ao idoso.

Ao continuar sua história, ela conta que decidiu voltar para São Paulo e sua família não aceitou que ela levasse sua filha. Como consequência, ela retornou sozinha. Conheceu seu marido e viveu mais de 40 anos em São Paulo. Com o marido, ela fez viagens e diz que conheceu boa parte do Brasil. Nesse tempo, teve outra filha e a primeira foi morar com ela quando ficou adolescente.

Janete coloca “eu não passei pela vida, eu vivi”, como forma de expressar que não se arrepende de nada que fez e que a vida deve ser aproveitada da melhor maneira. Ainda, ela disse que a melhor coisa da vida não é ter coisas, é sair, viajar, conhecer pessoas e culturas diferentes, e que aconselha suas netas a fazerem isso.

Ela fala sobre a coragem e a importância dessa palavra na sua vida, destacando os seus momentos de maior e menor coragem.

Hoje, Janete mora em Esteio, estuda Inglês à noite, o que para ela é um grande ato de coragem, tanto por ser idosa e ter que passar pelo preconceito de quem acha que ela não tinha que estar ali, quanto pelo perigo de andar na rua à noite, ficar nas paradas de ônibus sozinha, pegar chuva, etc. Ela destaca as leis do Estatuto do Idoso e o quanto acha que a política tem ajudado na inserção do idoso

no meio social, com respeito e dignidade. Que sente isso no CRAS e por isso gosta de estar ali.

Quanto ao respeito, Freire destaca: “O clima de respeito que nasce de relações justas, sérias, humildes, generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente, autentica o caráter formador do espaço pedagógico.” (Freire, 1996, p.103).

Quase no final da entrevista, Janete fala sobre seus sonhos e relembra uma atividade que fiz com eles, cuja proposta era uma meditação guiada, pedindo que imaginassem algumas coisas. Ela fala sobre os animais, o mar e a natureza que imaginou, mostrando sua preocupação sobre a extinção desses cenários para as gerações futuras. A atividade não foi focada em falar sobre o meio ambiente, mas fiquei muito feliz de ver a relação que ela estabeleceu, até onde a meditação guiada conseguiu levá-la.

Uma curiosa por excelência, Janete possibilitou a mim e ao grupo pensar a partir de novas perspectivas, nos transformarmos, nos aventurarmos. É lindo perceber o quanto cada um deixa de si em nós e o quanto cada idoso torna o grupo único em suas características. Escutar todas essas aventuras de Janete me fez perceber ainda mais a riqueza da forma que ela age e tudo o que ela defende.

A entrevista seguinte foi com Luiz Alberto, no dia 27 de outubro de 2017, no espaço do CRAS Conviver. Assim como Celina, ele também entrou há pouco no grupo, então eu não sabia muito sobre ele. Com alguns episódios de desentendimento durante as oficinas, a grande modificação que senti desde que ele entrou no grupo até hoje foi a de aprender a se relacionar com as pessoas, dar sua opinião e ouvir a do outro sem que isso se torne um confronto. E, através da entrevista, eu pude perceber que a comunicação é um assunto bem forte até mesmo em sua casa.

Luiz começou a entrevista respondendo que a vida é paz, tranquilidade e que às vezes é não ter muita preocupação com o que acontece com os outros. Entretanto, ele salienta que ele não sabe ser assim, e que problemas de família o levaram a entrar no CRAS. Ele fala que, esse jeito preocupado dificulta alcançar o objetivo de ter uma vida tranquila. Essa fala já o fez se emocionar, o que eu não imaginava que pudesse acontecer.

No decorrer da entrevista ele falou sobre família, tanto sobre seu núcleo familiar de quando era criança, quanto sobre a família que construiu após crescer. Sobre as histórias que guardamos e escolhemos para contar, Bosi afirma:

A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo. (BOSI, 1994, p.54)

Em sua entrevista, Luiz conta que não cresceu com os pais biológicos e narra a história de como conheceu sua mãe biológica. Uma história que parece roteiro de um filme. Quando era adolescente, ele foi morar na cidade em que o pai de criação foi chamado para trabalhar e, por uma coincidência do destino, acabou descobrindo que sua mãe também morava nesta mesma cidade.

Quando ele foi conhecer a mãe biológica, ficou muito desconfiado e estranhou a forma como ela lidou com a situação, uma vez que ela agiu com naturalidade. Ela lhe contou que, em meio a um desentendimento, o pai de Luiz o tirou dela e deu para a irmã dele cuidar – ou seja, a mãe de criação de Luiz. Em seguida, Luiz contou que tentou manter o vínculo com os pais de criação, mas disse que sua mãe não demonstrava interesse e que se afastava, dando a entender Luiz estava incomodando. Ao longo da história, Luiz fala várias vezes “isso me deixou muito chocado”, mostrando que esperava outra reação dela.

Quando adulto, já morando em Esteio, ele tentou procurar sua mãe de criação novamente, mas igualmente não foi bem recebido, o que o fez desistir. Nunca mais soube nada sobre ela. Ele conta essa história dando o valor de surpresa que a história tem, mas sem deixar transparecer a tristeza que sente pelo desprezo da mãe. Em certo momento, ele coloca: “Aí depois tu cria, faz uma nova família, aí tu recebe isso aí que eu tô recebendo, né.”. Falando sobre a difícil relação com os filhos e a esposa, um assunto que toma boa parte da entrevista e ao qual ele sempre retornava.

Luiz conta que tem problemas com um filho usuário de drogas, que já teve que fazer boletim de ocorrência contra ele diversas vezes e que possui uma ordem judicial para que o filho mantenha distância devido a ameaças à sua vida. Ele conta que sua esposa não o apóia e nitidamente isso é o que mais lhe magoa. Luiz expõe que a esposa “dá cobertura” para o filho e permite que ele “faça e aconteça”. Ainda,

ele reitera que ninguém na família faz um boletim de ocorrência, por isso, ele fica como o carrasco da história.

Em relação a sua esposa, ele coloca mais de uma vez a vontade de se separar, mas fala do julgamento alheio: falam mal quando um homem se separa de uma mulher, mas ninguém sabe o que acontece dentro de uma relação. No seu desabafo, ele começa a expor cada vez mais detalhes da sua vida e do seu casamento. Fala sobre sua falta de liberdade e que sua esposa não para em casa, deixando-o responsável por tudo, inclusive pelo outro filho que tem autismo.

Luiz conta que, além dos problemas que tem com um dos filhos, seu outro filho tem autismo e é muito difícil para ele ajudá-lo. Ele aborda a falta de comunicação entre a família, ressaltando que não consegue conversar, que as coisas são decididas sem ele saber. Nesse sentido, ele interroga como fica sua posição de pai e provedor do lar, trazendo a visão patriarcal na qual estamos socialmente inseridos. Ele fala que o CRAS é um espaço em que ele consegue pensar em outras coisas, sair um pouco de casa, encontrar outras pessoas, mostrando a importância da ressocialização para alguém que parou de trabalhar e acabou vivendo só para a casa, com seus conflitos e problemas, sem ter espaço para debater, compartilhar, trocar.

Pela nossa relação um pouco mais distante, achei que seria uma entrevista bem rápida, mas acabei sendo surpreendida por essas diversas histórias: ele contou não apenas fatos de sua infância, como o que tem vivido hoje em dia também. Foram mais de 40 minutos de conversa com as câmeras ligadas. Durante todo o tempo ele se mostrou bastante sensibilizado, limpando as lágrimas diversas vezes, fazendo pausas para refletir, instaurando no ambiente segundos de silêncios. Em um desses silêncios, ele ouve os passarinhos que estavam no pátio, olha para trás tentando enxergá-los e coloca: “Como é a diferença da nossa vida pra vida dos pássaros, tudo alegre e cantando, é uma diferença bastante.”

Foi impossível não associar o interesse de Luiz pelos pássaros com seu desabafo sobre a falta de liberdade que sente em sua casa. Ele finaliza a entrevista dizendo que seu sonho é ter uma vida melhor com mais liberdade – talvez queira a alegria dos pássaros.

Escutar o relato de seu Luiz Alberto me fez dar mais valor ainda para sua evolução em sua integração no grupo. Lembro que, logo que ele entrou, o grupo

conversou sobre um episódio em que ele agiu de forma bruta. Nessa conversa, os idosos compartilharam comigo a necessidade de que nós (funcionários do CRAS) pensássemos em formas de ajudar o seu Luiz. A conclusão do grupo foi de que eles deveriam auxiliar, conversar e escutar Luiz, e não julgar suas atitudes, pois não sabiam o que se passava com ele.

O grupo provavelmente não tem conhecimento de nenhum dos relatos que ouvi na entrevista de Luiz, mas com toda a sensibilidade e tudo aquilo que aprendemos durante os anos de convivência, acolheram ele e suas dificuldades, demonstrando na prática, de uma forma muito bonita, o real significado de grupo.

A entrevista de dona Terezinha, a última entrevistada de que falarei neste trabalho, aconteceu no dia 21 de outubro de 2017, em sua casa. Sua entrevista ocorreu no mesmo dia que a de Carmem, só que pela tarde. Estava chovendo bastante e, por esse motivo, não consegui fazer todas as entrevistas que estavam marcadas para a tarde. Como consequência, obtive apenas a entrevista de dona Terezinha, o que no final das contas foi ótimo, pois passei mais de duas horas em sua casa e as filmagens totalizaram cerca de 1h30min.

Eu já havia ido visitá-la com o grupo no ano anterior, quando ela havia se afastado por razões de doença física e emocional. Dona Terezinha mora próximo ao CRAS Território de Paz, em uma área perigosa, próxima a uma invasão conhecida como Cidade de Deus (CDD), onde o tráfico de drogas dita as regras. Quando criança, eu atravessava essa invasão tranquilamente. Hoje em dia, entretanto, fico com receio, pois a violência cresce a cada dia. Refiro-me não somente a violência dos traficantes, mas a violência da sociedade com os marginalizados. De qualquer forma, não deixo de utilizar esse trajeto quando me parece adequado para um caminho mais curto para casa.

Cheguei mais cedo que o combinado à casa de Terezinha, e perguntei se não havia problema. Ela prontamente respondeu que não, com um largo sorriso no rosto. Sua casa havia mudado desde a última vez que estive lá. Muita coisa aconteceu nesse meio tempo, inclusive uma mudança de dona Terezinha: que se mudou e voltou há pouco a morar nessa casa. Havia um homem e uma criança no primeiro cômodo da casa, era um de seus filhos e um de seus netos. Ela nos apresentou e então nos encaminhou até seu quarto.

Nas paredes do quarto estavam os artesanatos dos quais que me lembrava da última visita: antes eles ficavam na sala. Também havia muitos desenhos e livros da cultura japonesa. Fiquei curiosa, perguntei o que eram e ela disse que os livros pertenciam a seu neto. Dona Terezinha explica que quando ela foi morar com sua filha, o neto estava usando aquele quarto. Consigo perceber orgulho em sua fala quando diz que foi seu neto que fez os desenhos na parede. Ao continuar a conversa, disse que o quarto está meio improvisado, porque ainda não havia conseguido se organizar direito depois da mudança. Entretanto, a cama – que era o principal – já estava ali.

Nesta entrevista, quem auxiliou com os equipamentos não foi o Higor, mas sim a Natasha, outra sobrinha de Fanael. É interessante perceber o quanto os idosos tentam receber bem meus amigos por saberem que são meus amigos. Em uma entrevista feita na manhã do mesmo dia, com Ivoni, que não aparece no documentário, surgiu a seguinte fala: “Eu só deixei eles entrarem porque são teus amigos, Samanta, se não, não ia deixar entrar”.

A confiança que desenvolvemos ao longo da oficina possibilitou que o grupo não se preocupasse com as pessoas inusitadas que me acompanhavam, o que contribui para o desenvolvimento das entrevistas. A entrevista que seguiu na casa de dona Terezinha só foi possível pela confiança mútua que se instaurou naquele momento.

Terezinha é uma mulher que mostra força e dureza em meio a sua forma carinhosa de ser, e demonstra em seu jeito que “não leva desaforo para casa”. Durante a entrevista ela fala mais de uma vez: “Se tiver que brigar, eu brigo.”.

Logo no início da conversa, ao responder a pergunta “O que é a vida?”, ela fala que a vida é boa, que, mesmo tendo sido escrava desde criança, a melhor coisa que existe é a vida. Dona Terezinha traz aos poucos informações da sua vida, como se construísse uma colcha de retalhos: a cada nova fala ela nos possibilita entender um pouco mais sobre ela.

Ao longo da entrevista, ela fala principalmente sobre ter sido escrava desde criança e então narra sua história de infância. Ela foi criada pelos avós, pois seu pai agrediu sua mãe e ela quando tinha 1 ano de idade e as abandonou. Os avós então a pegaram para criar. Segundo ela, os seus tios e sua mãe a odiavam e a tratavam

como “escravinha deles”. Ela não queria ver brigas na família e não reclamava para seus avós.

Quando Terezinha fala dos avós, traz um brilho no olhar. Ela fala das qualidades deles, depois conta que eram italianos, e que a vó era italiana de olho claro e o avô era “daqueles gringo preto, bem preto”. Eu olho para ela e vejo a mistura harmônica dessas duas pessoas que ela acabara de descrever.

Continuando sua história, ela conta que fugiu de casa por causa dos maus tratos e aos poucos vai revelando detalhes, até chegar a tentativa de estupro que sofreu por parte de seu tio – o motivo que a fez fugir. Ela diz que até sente vergonha de falar sobre, revelando a realidade já muito conhecida das vítimas que se calam pelo constrangimento e até por sentirem-se culpadas de alguma forma. Ela fala também que acredita que sua mãe a teria matado se tivesse ficado com ela, tamanho o ódio que sentia dela. Mais além, Terezinha narra um episódio em que sua mãe quebrou seu braço, pois ela não tinha areado bem uma panela.

Ao fugir de casa, ela foi morar com uma vizinha que futuramente passou a ser sua sogra. Ela contou que não fez bons casamentos, deixando a entender que também sofria abusos dos maridos. Ela se casou duas vezes. Depois de adulta, já morando naquela mesma casa em que estávamos, ela cuidou de sua mãe biológica que adoeceu e foi abandonada pelo resto da família. Ela diz “Cuidei aqui, dentro dessa casa”, “Não sei por quem ela puxou, ela era ruim”. Ao dar mais detalhes, Terezinha fala que teve que se humilhar para conseguir itens necessários para os cuidados de sua mãe, como cama hospitalar e fraldas geriátricas. Nesse momento, ela revela que havia feito um empréstimo para arrumar a casa, mas acabou utilizando para pagar o enterro de sua mãe biológica. Diz que, embora sua mãe não gostasse dela nem de seus filhos, ela era sua mãe.

Eu relaciono a história de Terezinha com o pouco que eu já sabia através de seu histórico no CRAS. Há algum tempo atrás, ela havia parado de ir aos encontros, pois estava cuidando de sua mãe doente. Após algum tempo, sua mãe faleceu. Terezinha, por sua vez, adoeceu e entrou em depressão. Eu mal podia imaginar a história dela com sua mãe, todos os conflitos pelo qual passou e o quanto era significativo ela ter deixado de cuidar de si para cuidar de sua mãe – alguém que, na verdade, nunca cuidou dela. Dona Terezinha voltou a frequentar o grupo há pouco

tempo e ter tido a oportunidade de escutar sua história me ajudou a entender ainda mais a força que ela demonstra no dia-a-dia.

Ainda em sua entrevista, Terezinha fala sobre a importância de sua família, seus filhos e netos; e o quanto luta por eles. Além disso, ela diz que, se não alcançou a felicidade, ela vai se esforçar para que sua família a alcance. O elo dela com a família que construiu é muito forte e bonito – algo de que ela se orgulha. Todos os membros de sua família são muito presentes uns na vida dos outros. Ao finalizarmos a entrevista, ela disse: “Agora tenho que falar para meus filhos que deu tudo certo, eu contei pra eles e eles estavam ansiosos, me desejaram boa sorte”. No encontro da oficina que ocorreu na semana seguinte à entrevista, ela me contou que os filhos fizeram um jantar para comemorar a entrevista da mãe.

Outro ponto importante a ressaltar em nosso encontro é o momento em que Terezinha fala sobre um dos filhos que morreu atropelado. Ela gosta de escrever e havia deixado seus cadernos separados já para a entrevista. Pergunto se ela quer ler algo e ela procura o poema que escreveu para o filho. Dentre diversas leituras, ela o encontra, lê para nós e fala que escrever é uma forma de desabafar, porque nem tudo que ela sente ela fala para a família, pois não quer preocupá-los.

O poema de Terezinha me fez lembrar das tantas outras histórias que ouvi sobre a perda de um filho. As pessoas lidam com a morte de formas diferentes, mas a dor de uma mãe que enterra seu filho pareceu tão parecido em todos os relatos. A perda de um filho passa a ser um divisor de vida: antes e depois da morte do filho, antes e depois de superar a morte do filho. Uma superação que, na verdade, é diária. Nos relatos que ouvi, identifico sinais de que a vida muda de sentido e significado a partir da morte de um filho.

Dona Terezinha falou muito também sobre o que aprendeu com seus avós e passou para seus filhos. Em certo momento, ela diz: “Eu aprendi tudo de bom que eles passaram pra mim, eu guardei tudo, guardei tudo e não esqueci de um detalhe. Eu já tive em coisas assim que eu podia fazer só algo ruim, porque era só coisa ruim pro meu lado, mas não, eu sempre pensava, o amanhã será melhor que hoje”. Fala que seu avô a ensinou até a saber o que comer e beber caso se perdesse na mata. Fala sobre o que aprendeu com eles na roça e também sobre como se chamavam as coisas antigamente, como se limpava a casa, etc.

Ela mostra que ensinamentos de vida são valiosos quando fala sobre a forma que limpava o chão na época em que era criança. Ela afirma: “Eu aprendi a ser caprichosa assim”.

Freire (1996, p.33) destaca que “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos”, e, ao ouvir dona Terezinha, essa afirmação se reforça. Afinal, como um educador poderia ignorar todos os saberes adquiridos ao longo de uma vida e até mesmo diminuí-los em razão dos saberes científicos? A riqueza de conhecimentos adquirida na vida prática não pode ser substituída por nada, muito menos deixada de lado por um educador.

O conceito de *práxis*, trazido por Paulo Freire em sua obra *Pedagogia do Oprimido* (1987), defende que teoria e prática são indissociáveis e juntas formam a *práxis*, sendo que só através dela é possível agir e refletir sobre o mundo. “A *práxis*, porém, é a reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido” (Freire, 1987, p.38).

Quando penso na *práxis*, lembro de meu trabalho como oficina de contação de histórias. A teoria apreendida durante anos de estudo é fundamental quando aliada à prática que só pude ter através da experiência ministrando oficinas. Inúmeras vezes minha prática derrubou a teoria. Outras tantas a teoria foi um norte para saber como começar a agir.

Os ensinamentos dos avós de Terezinha são importantes para nossa oficina. Ouvir suas experiências, compartilhar as minhas, tendo a convicção de que o conhecimento não se limita ao espaço acadêmico, mas está na vida, em todos os espaços que ela permeia. Larrosa (2002, p.27) afirma que “o saber da experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana”. Mais que isso, quando Freire fala que somos sujeitos do *quefazer*, onde nosso fazer é ação, ele pontua a necessidade de reconhecimento da emancipação humana. Freire afirma: “[...] o seu *quefazer*, ação e reflexão, não pode dar-se sem a ação e a reflexão dos outros, se seu compromisso é de liberdade”. (Freire, 1987, p.122)

Passamos a vida toda tentando entender o que é a vida, buscando um sentido maior. Ouvir os idosos falando a partir de si sobre “O que é a vida?”, me trouxe uma série de aprendizagens que só foram possíveis pelas suas histórias. As respostas de cada idoso me possibilitaram refletir sobre o que é a vida para mim e ressignificá-la a partir deles.

Aprendi com eles que a arte transforma a vida até mesmo quando já se viveu muito; que ter a cabeça no lugar e sempre levar em conta os aprendizados nos faz manter a ética e fazer o bem; que o lado bom sempre vai superar o lado ruim mesmo quando parecer que o lado ruim é muito maior; que da vida não levamos coisas, mas sim as experiências; que embora não sejamos como os pássaros, podemos sonhar e buscar ter a liberdade e alegria deles.

Considerações Finais



Figura 5- Arte da ilustradora brasileira Layse Almada (2016).

“20 de outubro de 2017- Mandei uma mensagem para a Adriana e para a Vigo, minhas companheiras de trabalho de conclusão de curso. Contei para elas que estou passando por um momento complicado em relação à saúde, e que talvez eu tenha que aprender a lidar com isso para o resto da vida.

Desabafei: sempre tive muitos problemas de saúde causados pelo estresse, mas dessa vez extrapolei. Estou decepcionada comigo mesma, em deixar chegar a este ponto. Falei sobre como estão ocorrendo retaliações no meu trabalho, a pressão de terminar a faculdade, dificuldades pessoais com a família e dificuldades financeiras. Achei que era justo elas saberem minimamente o que se passava, bem como era justo comigo que sempre me deixei sufocar sem compartilhar. Eu devia compartilhar minha realidade com elas que estão envolvidas com meu processo, que estão abrindo o processo delas para que eu possa participar.

Tive uma pausa forçada nas gravações. Tentei levar adiante, e foi uma correria para desmarcar. Três vezes. E, sempre no dia anterior, eu insistia sabendo que não tinha condições, acabava me frustrando, me cobrando e gerando mais

ansiedade. Nesses momentos, Adriana sempre me lembrava ‘Tudo tem seu tempo. Respira’”.

O trecho acima é um desabafo que fiz após descobrir, no meio da produção deste trabalho, que desenvolvi uma doença autoimune que se manifesta principalmente em picos de estresse. Fui obrigada a parar, respirar, esperar, acalmar, silenciar, quando todo o contexto me fazia reagir ao contrário. Paradoxo da vida. Não existe uma resposta objetiva para “O que é a vida?”, e em nenhum momento tive a ingenuidade de pensar que sim. Pelo contrário: a variável infinita de respostas para essa provocação é que me instigaram a escolhê-la. A vida está em constante transformação.

O que era a vida para mim foi atravessado por uma série de situações do início do semestre até o momento em que finalizo a escrita deste trabalho. Hoje a vida já não é a mesma que há 5 meses atrás. Assim como a forma que lidei com as adversidades da vida não é a mesma com que lidaria há alguns anos atrás. Ter um diagnóstico de doença, por exemplo, no meio dessa pesquisa sobre a vida, olhando para os idosos dos grupos, me possibilitou encarar de outra forma toda a situação. Pude olhar os acontecimentos por outro ângulo.

O aprendizado que tive e tenho com os idosos me fez aprender a encarar um obstáculo apenas pelo o que ele é, tentar não supervalorizá-lo. Afinal, através de suas narrativas, os idosos me mostraram que a vida é tantas coisas e que se transforma em tantas outras. A própria vida, durante essa pesquisa, me pregou uma peça para que eu pudesse ressignificar e questionar ainda mais o que ela é.

Em uma entrevista à rede TVE, Leandro Karnal, historiador gaúcho, é indagado pelo apresentador Antônio Abujamra sobre o que é a vida. Ele fala que talvez não possa responder o que é a vida, pois ela ainda está acontecendo. O que ele pode é dizer o que foi a vida até aquele momento, sem tirar o mérito de tudo que ainda possa vir a acontecer e modificar seus pensamentos – consequentemente, a resposta para essa mesma questão.

Quando iniciei esse trabalho, me posicionava de uma forma diferente em relação à vida. Tudo o que aconteceu e que de alguma forma me tocou, gerou transformações na forma de me relacionar com ela.

Perceber a história dos idosos e nelas identificar as constantes mudanças e ressignificações da vida é compreender a alegria e a dor de sermos seres

inacabados, como coloca Paulo Freire. Dessa forma, só quando nos reconhecemos inacabados somos capazes de crescer, nos modificarmos e modificarmos o mundo à nossa volta.

Ao entrar em contato com a prática de ministrar oficinas, eu entrei também em crise com o meio acadêmico. Não conseguia encontrar um elo entre o que aprendia e o que ocorria na vida prática. Sentia que estava perdendo meu tempo e que não estava auxiliando de forma concreta no mundo e na realidade dos oficinandos. Neguei o mundo acadêmico, a teoria, como se aceitar a teoria necessariamente me obrigasse a excluir o resto.

Então, ao me deparar com a *práxis*, abordada por Freire, percebo que ser educador é um eterno exercício dela. As minhas experiências foram e são fundamentais para o *dever* professora. O que eu não estava percebendo é que a universidade faz parte das minhas experiências. E minha reflexão sobre essa experiência oportuniza me colocar no mundo comoicineira e ser social.

Da mesma forma, o que aprendi onde nasci, na minha relação com minha avó, faz parte do conjunto de saberes adquiridos para serem utilizados em meu trabalho com os idosos. Levarei os ensinamentos de minha avó em qualquer prática da minha vida. Até mesmo quando pensar no que não fazer, vou recorrer a tudo que experienciei com ela no decorrer dos meus 23 anos de vida. Ela é a escola na qual estive por mais tempo e sem dúvida a que mais me trouxe aprendizados.

Podemos pensar na vida como uma mala, em que cada nova experiência nos possibilita conhecer uma nova ferramenta – que é adicionada a essa mala. Cada pessoa tem a sua: nenhuma mala é igual à outra. A mala tem acesso ilimitado às memórias, pois uma faz parte da outra, na verdade. A cada situação, abro a mala e vejo o que tem dentro dela e como posso utilizar as ferramentas naquele momento. Por vezes, as ferramentas não são as mais adequadas, outras, a minha escolha não é a mais acertada. Mas, até com os erros a mala de ferramentas se beneficia ao ganhar um novo item de bagagem.

Comoicineira de contação de histórias, utilizei meu arsenal completo de teatro. Alguns teóricos foram muito aproveitados, principalmente os que aparecem aqui, neste trabalho. Os professores que passaram por mim, os grupos de teatro, as peças que assisti. De tudo isso, selecionei ferramentas que guardei na mala e vou utilizando conforme acho adequado.

Essa mala também é constituída por pessoas que me cercam. Elas não necessariamente se transformam em ferramentas: às vezes fazem parte do manual de instrução que ensinam como usar as ferramentas, mostrando qual é o melhor jeitinho de fazer cada coisa e as precauções do que não fazer sob hipótese alguma. Outras vezes são como um pó mágico de motivação, energia, sentimentos e sensações. A minha está cheia de aprendizagens das histórias que ouvi, dos idosos que tive contato, dos colegas de trabalho, da minha pequena grande família, dos meus amigos, dos meus colegas de faculdade e de minha orientadora.

Trabalhar com idosos foi uma grande aventura a ser desbravada e ainda é. É difícil saber se estou conseguindo dar o verdadeiro valor e importância aos saberes que eles trazem. Uma vida com tantos anos já carrega uma mala muito grande. Acredito ser de extrema importância haver pesquisas na área da arte-educação sobre a pessoa idosa e a contribuição de suas memórias para a construção de conhecimento.

Ao ouvir as narrativas dos idosos, pude perceber cada acontecimento da vida como fundamentais para a constituição de quem eles são e assim entender a importância de cada acontecimento da minha vida para a constituição quem eu sou. Contar histórias e por meio delas compartilhar memórias. Não sei quais serão minhas próximas experiências e o quanto elas me transformarão e transformarão minhas certezas e incertezas. Este trabalho de conclusão de curso é mais uma história sendo contada e está se transformando, fazendo parte das minhas memórias e da minha mala de ferramentas. Quando eu precisar, ela estará ali para ser revisitada, contestada ou aprovada pela Samanta do amanhã.

REFERÊNCIAS

- BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. 19. ed. Revista Brasileira de Educação, 2002.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- FÉRAL, Josette. **Encontros com Ariane Mnouchkine: Erguendo um monumento ao efêmero**. São Paulo. Editora Senac, 2010.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- KIPPER, Maria Hoppe (Org.). **Unisc: Uma Trajetória E Muitas Lembranças**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2009. 5 v.
- KOUDELA, Ingrid Dormien. **Jogos Teatrais**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- LALANDA, Piedade. Sobre a metodologia qualitativa na pesquisa sociológica. **Análise Social**, Lisboa, v. 33, n. 4, p.871-883, nov. 1998. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1224154176E1jDU8rb4Nc15SI4.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 17.
- RYNGAERT, Jean-Pierre. **Jogar, representar**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- ZAMBIASI, José Luiz. **Lembrança de Velhos: Experiência dos velhos migrantes italianos do oeste catarinense**. Chapecó: Grifos, 1997.

ANEXOS

ANEXO A – Termos de autorização de uso de imagem

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Carneu de Sílvia Prota Ramos,
RG nº 5035135648 autorizo, em caráter definitivo e gratuito, o uso de minha imagem e voz para o documentário "O que é a vida?", de duração de vinte e dois minutos, para fins de conclusão de curso de Graduação – Licenciatura em Teatro da pesquisadora Samanta Goelzer Della Passe. Podendo o material ser exibido para fins acadêmicos e mantido no banco de dados da UFRGS. As imagens deste projeto serão veiculadas por tempo e em local indeterminados nas mídias cinema, televisão aberta e a cabo, internet e outra mídias alternativas.

Estando ciente e de acordo, dou plena e total quitação.

Esteio, 8 de dezembro de 2017.

Assinatura: Carneu de Sílvia Prota Ramos

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Celina Garcia dos Santos,
RG nº 2108982451 autorizo, em caráter definitivo e gratuito, o uso de minha imagem e voz para o documentário "O que é a vida?", de duração de vinte e dois minutos, para fins de conclusão de curso de Graduação – Licenciatura em Teatro da pesquisadora Samanta Goelzer Della Passe. Podendo o material ser exibido para fins acadêmicos e mantido no banco de dados da UFRGS. As imagens deste projeto serão veiculadas por tempo e em local indeterminados nas mídias cinema, televisão aberta e a cabo, internet e outra mídias alternativas.

Estando ciente e de acordo, dou plena e total quitação.

Esteio, 8 de Dez de 2017.

Assinatura: Celina Garcia Santos

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Janete Batista da Rosa
RG nº 911.2363-032 autorizo, em caráter definitivo e gratuito, o uso de minha imagem e voz para o documentário "O que é a vida?", de duração de vinte e dois minutos, para fins de conclusão de curso de Graduação – Licenciatura em Teatro da pesquisadora Samanta Goelzer Della Passe. Podendo o material ser exibido para fins acadêmicos e mantido no banco de dados da UFRGS. As imagens deste projeto serão veiculadas por tempo e em local indeterminados nas mídias cinema, televisão aberta e a cabo, internet e outra mídias alternativas.

Estando ciente e de acordo, dou plena e total quitação.

Esteio, 8 de dezembro de 2017. ^o

Assinatura: Janete Batista da Rosa

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, LUIZ ALBERTO DA ROSA,
RG nº 5019262566 autorizo, em caráter definitivo e gratuito, o uso de minha imagem e voz para o documentário "O que é a vida?", de duração de vinte e dois minutos, para fins de conclusão de curso de Graduação – Licenciatura em Teatro da pesquisadora Samanta Goelzer Della Passe. Podendo o material ser exibido para fins acadêmicos e mantido no banco de dados da UFRGS. As imagens deste projeto serão veiculadas por tempo e em local indeterminados nas mídias cinema, televisão aberta e a cabo, internet e outra mídias alternativas.

Estando ciente e de acordo, dou plena e total quitação.

Esteio, 08 de DEZEMBRO de 2017.

Assinatura: Luiz Alberto da Rosa

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

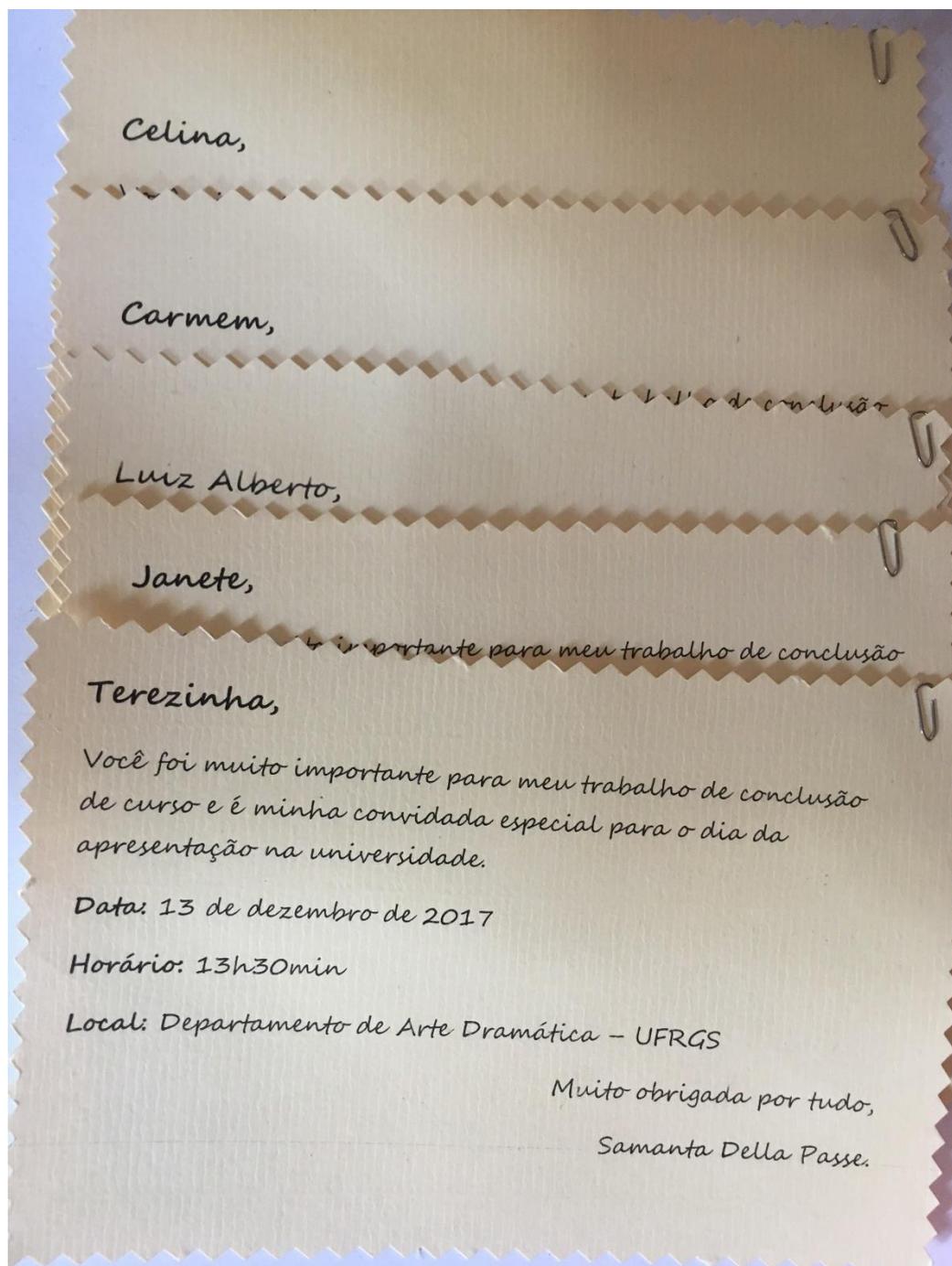
Eu, Fredericinha da Santa
RG nº 1104344959 autorizo, em caráter definitivo e gratuito, o uso de minha imagem e voz para o documentário "O que é a vida?", de duração de vinte e dois minutos, para fins de conclusão de curso de Graduação – Licenciatura em Teatro da pesquisadora Samanta Goelzer Della Passe. Podendo o material ser exibido para fins acadêmicos e mantido no banco de dados da UFRGS. As imagens deste projeto serão veiculadas por tempo e em local indeterminados nas mídias cinema, televisão aberta e a cabo, internet e outra mídias alternativas.

Estando ciente e de acordo, dou plena e total quitação.

Esteio, 8 de 12 de 2017.

Assinatura: Fredericinha da Santa

ANEXO B – Foto dos convites para os idosos participantes do documentário



CIP - Catalogação na Publicação

Della Passe, Samanta Goelzer

O que é a vida? A prática de uma licencianda em Teatro durante a oficina de contação de histórias do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para Idosos de Esteio-RS / Samanta Goelzer Della Passe. -- 2017.

71 f.

Orientadora: Adriana Jorge Lopes Machado Ramos.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Licenciatura em Teatro, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Memória. 2. Velhice. 3. Teatro. 4. Contação de histórias. I. Ramos, Adriana Jorge Lopes Machado, orient. II. Título.